

julho-agosto de 2011 – ano 52 – n. 279



vida pastoral

REVISTA BIMESTRAL PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL



PASTORAL EM NOVAS PERSPECTIVAS (II)

Só se salva e ganha a vida eterna quem aceita Jesus? Nesse caso, só os cristãos serão salvos? — Pe. J. B. Libanio, sj, p. 3

A pastoral em novas perspectivas (II): Cosmovisão ecológica e perspectivas pastorais — Pe. Nicolau João Bakker, svd, p. 5

Paróquia, rede de comunidades — Pe. Pedro F. Bassini, p. 16

Os ambientes midiáticos do catolicismo plural e fragmentado nas televisões católicas — Pe. Marlson Assis de Araújo p. 26

Roteiros homiléticos — Frei Jacir de Freitas Faria, ofm, p. 34

Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

Com esta edição, damos continuidade ao tema “Pastoral em novas perspectivas”, que foi iniciado na edição anterior e será contemplado em ainda duas edições (novembro/dezembro de 2011 e janeiro/fevereiro de 2012).

Na edição anterior, vimos sobretudo as mudanças de cosmovisões ao longo da história: as cosmovisões teológica e antropológica e a que está se estabelecendo atualmente, a ecológica. Estamos entrando no novo paradigma, ecológico, mas os anteriores ainda se mantêm com forte influência. Na presente edição, os autores apresentam uma reflexão sobre as implicações dessas mudanças para a pastoral.

Conforme nos aponta padre Nicolau Baeker, a pastoral inspirada na cosmovisão teológica tende a ser dogmatista, com concepções de revelação estáticas, que não levam em consideração os limites temporais, espaciais e de contexto cultural de compreensões elaboradas no passado. Confunde-se fidelidade à doutrina com o seu engessamento em fórmulas.

Por outro lado, a virada antropológica abalou concepções teológicas e eclesiais, pondo o ser humano e a razão como medida de todas as coisas, com uma escalada de dificuldades de abertura ao transcendente e à fé. Dessa forma, criticando o dogmatismo da Igreja, que ficou na defensiva, a ciência se cerca de seus próprios dogmatismos.

A dificuldade de interação entre ambas as cosmovisões deu curso a uma lógica binária enganosa: a verdade única da Igreja versus a verdade única da ciência. Essa dificuldade é um obstáculo para a pastoral, pois as transformações nas visões de mundo a afetam profundamente.

Com a nova cosmovisão que avança, surgem perspectivas promissoras para a pastoral. A cosmovisão ecológica concebe o mundo e a humanidade como teia e rede de vida, na qual tudo e todos são interdependentes e não há organismos separados do todo. Sobressai a lógica da interdependência e da cooperação. A dinâmica da vida é a criatividade, e não a estabilidade e o imobilismo.

Essa nova perspectiva favorece a troca do “dedo em riste” de uma pastoral e de uma ciência “dogmatistas” pela mão estendida do diálogo, cooperação, estabelecimento de redes e teias vitais. A Conferência de Aparecida percebeu isso e indica a necessidade de reformas pastorais, espirituais e institucionais.

Muitas vezes se espera que esses avanços pastorais se originem de cima, da macromentalidade eclesial de Roma, esquecendo-se dos dogmatismos e fechamentos presentes nas práticas do dia a dia, no próprio entorno, na base, na paróquia. Muita coisa depende da vontade local para evoluir e mudar no sentido de descentralizar; desfazer dogmatismos e clericalismos; diminuir a fragmentação e tornar as estruturas mais participativas e criativas. Por exemplo, havendo empenho do pároco e de lideranças locais, é possível passar da paróquia centralizadora, burocrática, fragmentada, com ritualismos e calendários intocáveis ano após ano, para paróquias-rede, com descentralização, variedade de comunidades interdependentes, empoderamento dos fiéis, consciência de pertença, poder-serviço, missionariedade e transformação social.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Diretor Pe. Zolferino Tonon

Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

Equipe de redação Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin,
Pe. Valdêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia,
Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

Editoração PAULUS

ASSINATURAS assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4004
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br

12570-000 - APARECIDA/SP
Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

49010-000 - ARACAJU/SE
Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927
aracaju@paulus.com.br

66019-100 - BELÉM/PA
Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195
belem@paulus.com.br

30160-906 - BELO HORIZONTE/MG
Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

70304-900 - BRASÍLIA/DF
SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

13015-002 - CAMPINAS/SP
Rua Barão de Jaguará, 1163 • T.: (19) 3231.5866
campinas@paulus.com.br

79002-205 - CAMPO GRANDE/MS
Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251
campogrande@paulus.com.br

95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS
Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797
caxias@paulus.com.br

78005-420 - CUIABÁ/MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207
cuiaba@paulus.com.br

80010-030 - CURITIBA/PR
Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652
curitiba@paulus.com.br

88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC
Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567
florianopolis@paulus.com.br

60025-130 - FORTALEZA/CE
Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201
fortaleza@paulus.com.br

74023-030 - GOIÂNIA/GO
Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860
goiania@paulus.com.br

58010-670 - JOÃO PESSOA/PB
Praça Dom Adauto, S/N - Junto à Cúria - Centro
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

36016-311 - JUIZ DE FORA/MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160
juizdefora@paulus.com.br

69010-210 - MANAUS/AM
Rua Itamaracá, 21, Centro • T.: (92) 3622.7110
manaus@paulus.com.br

59025-260 - NATAL/RN
Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514
natal@paulus.com.br

90010-090 - PORTO ALEGRE/RS
Rua Dr. José Montauray, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313
portoalegre@paulus.com.br

50020-000 - RECIFE/PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637
recife@paulus.com.br

14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP
Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ
Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303
riodejaneiro@paulus.com.br

40060-001 - SALVADOR/BA
Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446
salvador@paulus.com.br

09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP
Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623
stoandre@paulus.com.br

65015-370 - SÃO LUÍS/MA
Rua do Passeio, 229 - Centro - T.: (98) 3231.2665
saoluis@paulus.com.br

15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188
riopreto@paulus.com.br

29010-120 - VITÓRIA/ES
Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116
vitoria@paulus.com.br

PAULUS EM SÃO PAULO

01001-001 - PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030
pracas@paulus.com.br

05576-200 - RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005
raposotavares@paulus.com.br

04117-040 - VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br

SÓ SE SALVA E GANHA A VIDA ETERNA QUEM ACEITA JESUS? NESSE CASO, SÓ OS CRISTÃOS SERÃO SALVOS?

Pe. J. B. Libanio, sj*

Quando a pergunta vem viciada, a resposta já fica comprometida. A vida eterna não é uma realidade independente, que existe como uma coisa que se ganha ou se perde depois da morte em troca de ações realizadas. Assim como um prêmio da loteria esportiva, que se obtém com a cartela preenchida corretamente.

A vida eterna já se inicia aqui na terra e se constitui fundamentalmente pelas relações que criamos. O teólogo J. Ratzinger, hoje Bento XVI, escreveu: “todo amor quer eternidade – o amor de Deus não só a deseja, como a realiza e é” (RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico. São Paulo: Herder, 1970, p. 302). E, na encíclica *Deus Caritas Est*, retoma ideia semelhante: “O primeiro é que entre o amor e o Divino existe qualquer relação: o amor promete infinito, eternidade – uma realidade maior e totalmente diferente do dia a dia da nossa existência”; “O amor visa à eternidade”. Traduzindo em linguagem simples, a eternidade não se ganha nem se perde, mas é o amor que vivemos aqui e ultrapassa o tempo e espaço para dentro da infinitude de Deus. Então toda pessoa que ama não ganha o céu, é já a eternidade feliz iniciada.

E Jesus Cristo? Ele manifestou tal realidade em grau máximo e nos possibilitou vivê-la, mas não necessariamente em relação explícita a ele. Desconhecendo a Jesus, mas amando,

alguém participa da fé nele. E por isso já vive incoativamente a eternidade na medida do amor.

A fé que salva é aquela que está informada de amor. Aceitar Jesus significa sair de si, cuidar do outro, realizar o que ele nos ensinou no evangelho, mesmo sem saber que se trata dele. Que Jesus dirá aos que entrarão na sua glória eterna? Que ele teve fome, sede, foi peregrino, esteve nu, enfermo e preso e foi socorrido. Quando? Todo pequeno serviço que se fez a um dos irmãos menores foi a ele que se fez (Mt 25,31-40). Aí está a melhor definição da fé em Jesus Cristo. O serviço da caridade.

Nessa perspectiva, a pergunta soa bem diferente. O correto seria perguntar: alguém que foi radicalmente egoísta, que não amou seu irmão, poderá salvar-se, quer seja cristão de batismo, quer não? A resposta soa: não. Não porque Deus o condene, mas porque ele se constituiu um ser sem amor. E ser-sem-amor é idêntico a inferno. Vale o contrário. Quem saiu de si, amou os irmãos, foi fundamentalmente próximo aos demais, se salva, quer seja cristão, quer não? Sim. Mais: ele já é céu aqui na terra e, depois da

* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Há mais de três décadas vem se dedicando ao magistério e à pesquisa teológica. Autor de vasta obra publicada no Brasil e no exterior. É vigário da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes em Vespasiano, na Grande Belo Horizonte-MG.

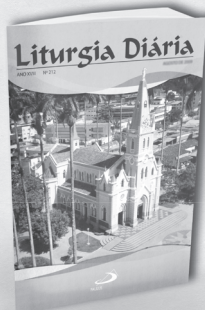
morte, revelar-se-á plenamente a verdade de tal vida.

Cristão que não ama não estabelece nenhuma relação de amor e de eternidade com Deus. Portanto, não pode conviver com um Deus que é amor, porque não quer amar. Um não cristão que ama está em íntima relação com o Deus que é amor e, por conseguinte, já começou a ser céu e o será eternamente. Mais correto é dizer que somos céu e não que vamos ao céu. E só se é céu pelo amor. E o contrário. Não perdemos a vida eterna, não vamos para o inferno, como se fosse um lugar, mas nos tornamos inferno, porque não amamos.

E santo Agostinho nos recorda que “somos o que amamos”. Se amamos somente a nós mesmos, somos solidão individual. Se amamos os irmãos, somos comunidade de amor. E a vida eterna não é nada mais que comunidade de amor entre nós na força do amor de Deus que nos sustenta no ser para sempre.

**LITURGIA DIÁRIA FACILITA
O CONTATO COM A PALAVRA DE DEUS
E UMA MELHOR PARTICIPAÇÃO E
COMPREENSÃO DA LITURGIA.**

Traz a liturgia do mês (leituras e orações de cada dia), partes fixas da missa, prefácios em consonância com as festas litúrgicas do mês, orações eucarísticas para a missa diária, artigos e esclarecimentos sobre a liturgia.



Para adquirir LITURGIA DIÁRIA, basta escrever para a Cx. Postal 2534, CEP 01060-970, São Paulo – SP, ou telefonar para (11)3789-4000
E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Gratão PAULUS / Imagens meramente ilustrativas.

Revista Família Cristã

**Para aprofundar a fé e
compreender melhor a vida.**



Conheça alguns dos nossos colunistas:

- Pe. Zezinho, na coluna *Paz inquieta*
- Frei Luiz Turra, sobre *Formação litúrgica*
- FC Cáritas, Dom Demétrio Valentini
- *Comportamento e psicologia*, com a terapeuta familiar Maria Helena Brito Izzo
- Léo Pessini, na seção *Bioética*
- *Cidadania*, com o promotor público e professor de Direito Vidal Serrano Júnior

E ainda as seções: *Política, Educação, Família, Juventude e fé, Espiritualidade, Santo do mês, Culinária, Plantas medicinais.*

REVISTA Família **Cristã**

Assinatura anual: R\$ 108,00 – 12 edições
À vista: desconto de R\$ 18,00 = R\$ 90,00
Em 2 vezes: desconto de R\$ 8,00 = R\$ 100,00

Para assinar ligue: **0800 70 100 81.**
Se preferir, acesse www.fc.org.br ou na
Rede Paulinas de Livrarias de todo o Brasil.

A PASTORAL EM NOVAS PERSPECTIVAS (II): COSMOVISÃO ECOLÓGICA E PERSPECTIVAS PASTORAIS

Pe. Nicolau João Bakker, svd*

A reflexão pastoral que segue tem íntima ligação com o artigo “A pastoral em novas perspectivas (I): introdução ao tema”, publicado em Vida Pastoral, n. 278, maio/jun. de 2011. Sugerimos, portanto, atenta leitura daquele artigo antes de ler a presente reflexão.

INTRODUÇÃO

Afirmamos, no referido artigo, que “não há nada que mais diretamente afeta a ação pastoral da Igreja do que a cosmovisão da época”. É uma ilusão pensar que o comportamento religioso das pessoas é consequência apenas das orientações que recebem da instituição religiosa à qual pertencem. Todas as tradições religiosas – incluindo sua direção e seus teólogos ou teólogas – são fortemente influenciadas pelo modo de pensar e pelo modo de agir próprios da época, e estes são fruto de incontáveis influências que escapam ao controle das instituições religiosas. Evidentemente, existe uma inter-relação: se, por um lado, a cosmovisão da época influencia a teologia, a espiritualidade e a ação concreta de qualquer tradição religiosa, por outro, todas as tradições religiosas exercem influência sobre a configuração da cosmovisão. Algo muito parecido com o que vemos no mais íntimo da vida e da matéria: as partes não estão isoladas e é o todo que dá sentido às partes.

Não convém basear a ação pastoral sobre o último grito teológico. A teologia é sempre

uma busca, uma busca de águas mais profundas e mais ricas, uma nova maneira de ver e de falar mais adaptada à época. Para escapar de uma pastoral “novidadeira”, o que tentamos fazer é fundamentar a pastoral sobre uma espécie de sistematização daquilo que já se tornou comum ou consenso na teologia e nas ciências naturais em seu constante processo de atualização. Mesmo assim, os desafios pastorais são suficientemente assustadores. Os avanços das últimas décadas foram enormes. Hoje, sem perder o medo, não há como colocar “vinho novo em odres novos” (Mc 2,22).

1. POR UMA PASTORAL SEM DOGMATISMOS

1.1. Vulnerabilidade das cosmovisões teológica e antropológica

Uma nova cosmovisão significa “um novo modo de pensar sobre Deus, o mundo e a própria existência individual e coletiva”, como definimos. Trata-se de nova “lógica”

* Missionário do Verbo Divino, svd, sacerdote, formado em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais. Atuou sempre na pastoral prática: na pastoral rural; na pastoral urbana em São Paulo; como educador no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo-SP, coordenando o programa de formação de lideranças eclesiais e o de combate à violência urbana. Lecionou Teologia Pastoral no Itesp (Instituto de Teologia/SP). De 2000 a 2008, foi auxiliar na pastoral e vereador, pelo PT, no município de Holambra-SP. Representa a CRB no Conselho Estadual de Proteção a Testemunhas (Provita/SP). Atualmente, atua na pastoral paroquial de Diadema-SP. Além de cartilhas populares, publicou diversos artigos na REB.

que olha para os mesmos problemas de ângulos inteiramente diversos dos anteriores. Como consequência, surge também a necessidade de nova linguagem. Vimos que as Igrejas cristãs são fruto de uma cosmovisão, a teológica, que perdurou por milênios. Em meio a muitas outras tradições religiosas, a fé judaico-cristã tem como base o alicerce da “Revelação”. “Deus falou aos nossos pais” é a frase que encontramos com muita frequência nos escritos do Antigo Testamento. A grande questão que surge é: “como” Deus se revela? Na cosmovisão teológica, crer num Deus que se comunica diretamente com seu povo não causa nenhuma surpresa. Nessa cosmovisão, Deus é a causa explicativa de todas as coisas e está na origem de todos os eventos. Deus está tão presente quanto o próprio ar que se respira. Para Jesus, os sinais da ação divina e da chegada do reino messiânico eram por demais evidentes. Escandalizou-se com a cegueira dos fariseus, incapazes de discernir os “sinais dos tempos” (Mt 16,1-4).

Para muitas pessoas de boa-fé, essa cosmovisão teológica é inquestionável e extremamente atraente. O esplendor da cristandade medieval é a expressão mais visível desse modo de pensar. No entanto, trata-se de uma cosmovisão que carrega dentro de si grande vulnerabilidade: ela, facilmente, gera dogmatismos das mais variadas cores. Uma verdade diretamente revelada por Deus é inquestionável. Um mandamento gravado por Deus, pessoalmente, numa tábua de pedra, não permite questionamentos. Autores bíblicos, inspirados por Deus de forma direta, sem nenhuma mediação histórica, merecem uma fé literal e incondicional. Em conjunto, as verdades assim reveladas formam um “depósito de fé” que não pode ser arranhado nem com um dedo sequer. Foi dentro dessa consciência teológica que a Igreja-instituição, desde muito cedo, desenvolveu sua doutrina ou teologia oficial. Fortemente influenciada pela filosofia grega da época, a Igreja dos primeiros séculos do cristianismo polemiza com as diversas correntes

consideradas “heréticas”. Concílios sucessivos descartam o pensar teológico divergente e definem a doutrina oficial em dogmas cuja formulação “grega” é considerada definitiva e perene. Juntamente com as demais religiões monoteístas, a Igreja se considera como depositária de uma “Verdade Única”. Revelada diretamente por Deus, ela, fatalmente, será imutável para sempre. Assumindo que Deus a revelou de uma vez para sempre e que cabe à Igreja velar por esse depósito da fé, as verdades são tidas como absolutas e a doutrina, uma vez formulada, imutável.

Quando, a partir do século XVI, essa cosmovisão teológica vai sendo substituída pela cosmovisão antropológica e, em vez de Deus, é a própria razão humana que se torna o critério último do pensar e do agir, a tradição dogmática da Igreja não é superada; antes, ela se aprofunda ainda mais. Ameaçada, internamente, pela rebeldia das Igrejas protestantes e, externamente, pela ousadia crescente das ciências laicas, que rejeitam subordinar-se à autoridade religiosa, a Igreja entra num processo de reforço ainda maior das suas defesas dogmáticas e institucionais. Nos nossos dias, tornou-se difícil imaginar o clima eclesial daquela época. A Inquisição, hoje considerada deplorável chaga histórica, na época foi reputada “santa”. O Concílio de Trento (1545-1563) pode ser visto como o concílio que depositou todas as suas esperanças na proposta da “endoutrinação”. Conhecendo a “Verdade Única” pelo ensino obrigatório de um catecismo universal, os cristãos do mundo inteiro estariam protegidos contra tudo o que fosse contrário aos dogmas da fé. A solene proclamação do dogma da infalibilidade papal, por ocasião do Concílio Vaticano I (1870), é considerada pela teologia atual o auge dessa tradição dogmática no interior da Igreja.

O atrito histórico entre a modernidade e a Igreja-instituição se deve, em grande parte, à profunda convicção da Igreja de que nenhuma ciência pode contrariar uma verdade revelada por Deus. Contra a verdade única da Igreja, os

cientistas costumam alegar a verdade única da ciência. Tanto na cosmovisão teológica quanto na cosmovisão antropológica, uma solução pacífica parece impossível. O dogmatismo de ambos os lados o impede.

1.2. A “overdose dogmática” na Igreja e na pastoral

Não é de admirar que a Igreja, ainda hoje, continue profundamente marcada por essa tradição. O dogmatismo é particularmente evidente na defesa ferrenha que a Cúria romana faz das formulações dogmáticas do passado, embora o valor do dogma esteja no seu sentido e não na sua formulação. É visível também no pânico doentio diante de qualquer tentativa de relativizar algum conceito teológico e na condenação pública de seus autores. É igualmente visível na clara tentativa de Roma de retomar convicções e tradições pré-conciliares e nos combates incessantes às novas teologias, especialmente à latino-americana da libertação. Vemos o dogmatismo presente também na imposição de uma doutrina social única – por cima da imponente diversidade mundial em realidades sociais e culturais –, uma doutrina que consagra todos os pronunciamentos papais do passado, mas passa ao largo do que hoje mais profundamente ameaça a vida do planeta: o neocapitalismo financeiro do mundo ocidental.

Porém – já o dissemos – não adianta transformar Roma no nosso grande “muro de lamentações”. O dogmatismo está presente também na pastoral do nosso próprio dia a dia. Podemos constatar isso na dificuldade que sentimos diante dos desafios da evangelização. Por toda parte, a catequese continua presa aos tradicionais modelos de “endoutrinação” de crianças e adolescentes. Na hora de nos pormos diante da pergunta do que fazer para atingir, evangelicamente, nossos jovens e adultos não praticantes, ficamos sem resposta. Oferecemos “preparação” – doutrina – para isto ou aquilo, mas não conseguimos,

**Os produtos da PAULUS
ajudam você a descobrir qual é
a melhor maneira de responder
ao chamado de Deus!**



27 faixas

Chamaste-me, Senhor! Refrãos orantes vocacionais

Frei Telles Ramon do Nascimento, O. de M. e Frei Décio Pacheco Bezerra, OFM Cap

O CD reúne 27 faixas que convidam o ouvinte a elevar seu pensamento a Deus, colaborando com aqueles que se dedicam à liturgia.



96 págs.

Qual o sentido da vocação e da missão? José Lisboa Moreira de Oliveira

Desde o Concílio Vaticano II até os dias atuais, o tema da vocação e missão passou a fazer parte da reflexão de todos os cristãos. O autor mostra que somos portadores de uma vocação específica e nos faz enxergar a dimensão vocacional da ação evangelizadora da Igreja.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

efetivamente, motivar as pessoas. Nas últimas décadas, as Igrejas evangélicas têm tido maior sucesso. Demonstraremos no próximo artigo, “Pastoral em novas perspectivas (III)”, quanto isso tem a ver com “espiritualidade”, uma das três grandes fontes que alimentam a ação pastoral da Igreja. A Igreja Católica, durante séculos, priorizou uma “espiritualidade de fidelidade à doutrina”, em detrimento de uma “espiritualidade de fidelidade ao Espírito”. Esta, evidentemente, esteve sempre presente na Igreja, mas foram as Igrejas protestantes e evangélicas, exatamente pela sua oposição ao dogmatismo da Igreja Católica, que mais a alimentaram.

O dogmatismo está muito presente ainda no que nossa pastoral tem de mais visível e sensível: a liturgia, com destaque para a eucaristia. A “overdose dogmática” fica patente no rigor e na intocabilidade das prescrições litúrgicas, na quantidade de textos bíblicos a serem oferecidos e, especialmente, nas orações eucarísticas, que mais se parecem com cansativos tratados teológicos para auditórios especializados do que com efetivas celebrações alegres do mistério pascal para o povo comum.

1.3. A Igreja num beco sem saída

No decorrer da cosmovisão antropológica, com o avanço extraordinário das ciências e dando seguimento ao princípio básico de “crer com a razão” de santo Tomás de Aquino (†1274), os teólogos e teólogas cristãos perceberam, de forma cada vez mais convincente, que o dogmatismo exacerbado levou a Igreja a um beco sem saída. O Concílio Vaticano II não significou, como Roma esperava, um ponto final à grande efervescência teológica, bíblica, litúrgica e ecumênica do período pré-conciliar. A hermenêutica se tornou um dos mecanismos mais corriqueiros da teologia. Surgiram diversas teologias, algumas marcadamente geográficas, como as latino-americanas, africanas e asiáticas, outras que

buscam uma luz para temas específicos de grande atualidade, como a feminista, a negra, a indígena, a política e a ecológica, cada uma subdividindo-se de acordo com os enfoques específicos. Surgiu um pluralismo teológico de fato que, crescentemente, se torna também um pluralismo de princípio ou de direito. O que todas elas puseram em evidência é a “historicidade” do pensar teológico. Todas as teologias, em última instância, falam de Deus, daquele ou daquela que é radicalmente transcendental. Mas, ainda há pouco, um dos mais eminentes teólogos americanos, Roger Haight, observava que há pouca concordância universal quando se trata de falar em realidades transcendentais, mas existe ampla aceitação de uma suposição fundamental: “todo nosso contato com a realidade transcendente é mediado” (HAIGHT, 2008, p. 10). Outro renomado teólogo, Paul Tillich (†1965), há muito tempo já dizia o mesmo, embora não lembremos onde: “Não existe um caminho direto entre Deus e o ser humano”. De fato, existe uma postura consagrada na teologia atual que afirma que todo conhecimento possui um limite temporal e espacial. Toda verdade que nos arriscamos a anunciar é histórica, contextual, marcada até os ossos pela concepção e linguagem da época.

1.4. Fidelidade, sim, dogmatismo, não

A cosmovisão ecológica traz não apenas um novo pensar científico, como demonstramos no artigo introdutório ao nosso tema, mas também um novo pensar teológico. Uma das perspectivas pastorais mais promissoras que ela traz é, possivelmente, o fim do dogmatismo. É preciso perceber com maior clareza a íntima ligação entre teologia e cosmovisão da época. A teologia da Igreja não avança apenas com base na sua própria dinâmica e reflexão internas. Exatamente por não haver comunicação direta entre o mundo transcendental e o nosso mundo real, é a própria cosmovisão epocal que “inspira” a nossa teologia, assim como inspirou os autores bíblicos de outrora.

Foi a lógica teológica que inspirou os padres conciliares de Éfeso e Calcedônia, como foi a lógica antropológica que fez o Vaticano II. Simplesmente não existe outro caminho.

Uma fidelidade à doutrina sem dúvida é necessária. A fidelidade à Aliança custou a vida aos profetas, também a Jesus. Mas isso não significa que a doutrina deva ser engessada em fórmulas fixas e muito menos que determinada formulação possa ser entendida sempre da mesma forma em outros tempos e em outros contextos culturais. Quando os teólogos afirmam que a revelação de Deus sempre passa por alguma mediação histórica e não existe uma comunicação direta entre o mundo transcendente e o mundo real, na verdade expressam um elemento importante das ciências naturais que embasam a cosmovisão ecológica. Falando da “eco-lógica do cérebro”, vimos que o sistema nervoso, com inclusão do cérebro humano, funciona como um circuito circular fechado. Qualquer comunicação “de fora” passa pelo crivo dos nossos sentidos, tornando qualquer conhecimento subjetivo. Por isso que “a verdade” é sempre a verdade de alguém que a julga de acordo com os critérios de seu tempo e seu lugar. Nenhum dogmatismo faz sentido dessa forma. O que está em jogo não é a Revelação, mas o “como” da Revelação. Podemos captá-la apenas pelos “sinais” do tempo, da história, ou pelos sinais da natureza, da ciência. Não há outro caminho, como não havia para Jesus ou para os autores bíblicos, nem existe alternativa mágica para nossos teólogos ou teólogas ou para o magistério eclesialístico.

Vimos também que, no interior da matéria e na “teia da vida”, não existem unidades independentes e autossuficientes. Tudo está inter-relacionado e é sempre o todo que dá sentido às partes. A lógica em tudo o que se refere à vida é sempre a mesma: interdependência e cooperação. Não soa muito estranho o magistério eclesialístico ou qualquer liderança pastoral colocar-se fora dessa lógica e afirmar ter acesso à verdade sem depender

PARTICIPE DA CONSTRUÇÃO DO REINO DE DEUS E REALIZE AS OBRAS QUE ELE NOS ENSINOU!



256 págs.

Vocação **Convite para servir** *Pe. José Dias Goulart*

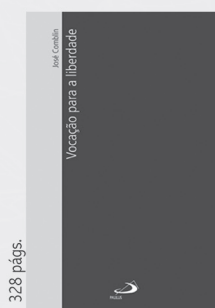
Em seis partes, o autor procura mostrar que a liberdade na escolha da vocação faz desse serviço uma espontânea entrega de si.



248 págs.

Grupos juvenis **e vocacionais** *Maria de Jesús Alzate*

O propósito deste guia é fazer com que jovens e educadores consigam viver a experiência do crescimento na fé e tomem consciência da responsabilidade de construir o Reino de Deus como membros ativos e dinâmicos da Igreja.



328 págs.

Vocação para a liberdade *José Comblin*

Compreender o contexto no qual se deseja proclamar o Evangelho e fazer com que a Igreja seja capaz de instalar a liberdade nas suas estruturas são o foco deste estudo, elaborado pelo respeitado teólogo José Comblin.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

de ninguém? Na história de todas as religiões monoteístas, podemos encontrar fortes sinais de fundamentalismo dogmático, excessiva preocupação com a ortodoxia e centralização do poder por parte das lideranças religiosas. Como observamos, é essa a vulnerabilidade tanto da cosmovisão teológica quanto da antropológica. É surpreendente e maravilhoso encontrar em Jesus uma atitude radicalmente contrária a isso, como bem podemos perceber no relato das tentações do deserto (Lc 4,1-13) e em muitas outras passagens da vida de Jesus. O mais provável é que a cosmovisão ecológica, à medida que tome conta das mentes e corações, traga nova dinâmica. O dedo em riste da pastoral dogmática pode ceder lugar à “pastoral da mão aberta”, da pastoral que dialoga, que sabe ouvir e cooperar.

2. POR UMA PASTORAL COM CRIATIVIDADE

2.1. O caráter de estabilidade das cosmovisões teológica e antropológica

É uma pena que nossa tradição eclesial, do ponto de vista da ação pastoral, ainda esteja muito presa aos ditames das tradicionais cosmovisões teológica e antropológica. Sem deixar de lado o que elas trouxeram de bom, já era hora de provar o vinho novo da cosmovisão ecológica. Quando o crer e o agir do ser humano são uma resposta a um Deus que fala diretamente, tanto o crer quanto o agir terão a marca da estabilidade. Palavra de Deus não se discute. A cristandade medieval é a que melhor revela esse caráter de imutabilidade da consciência teológica. Já na lógica antropológica, quem dita as regras, a verdade e tudo o mais é a razão humana. Mas essa razão, sabemos hoje, foi, de fato, a razão do mundo ocidental, particularmente do europeu. Apesar da aparente instabilidade provocada por um estonteante processo científico-tecnológico, podemos observar uma nova estabilidade: o domínio inquestionável da cultura ocidental sobre todas as demais culturas e tradições.

Com base nessa nova cosmovisão, surge uma Igreja e uma pastoral que, embora mais “progressistas”, continuarão apostando na estabilidade, desta vez fundamentada numa concepção eurocêntrica, racional e masculina, mal e mal disfarçando a tendência de impor seu predomínio cultural, religioso, econômico e político ao restante do mundo. Na atual teologia, todos reconhecem que o Vaticano II foi um concílio tipicamente eurocêntrico.

2.2. O caráter de criatividade da cosmovisão ecológica

A lógica da cosmovisão ecológica substitui a pastoral da estabilidade pela pastoral da criatividade. Estabilidade não é o natural da matéria, muito menos da vida. Por que haveria de ser da Igreja e da pastoral? Vimos que a matéria é criativa, a ponto de estar sempre em busca de novos relacionamentos, internos e externos, criando ciclos, superciclos, complexidades cada vez maiores e mais coerentes, até o nascimento de uma rede autossustentável. Mais patente ainda é a criatividade da própria vida. É como se a força criadora não estivesse fora, mas dentro dela. Os bioquímicos, mesmo quando ateus, reconhecem seu “deslumbramento” diante da desconcertante precisão com que uma célula viva extraordinariamente complexa se recria de forma permanente. E não como uma simples máquina copiadora, mas com capacidade interna de superar-se a si mesma e evoluir. Somente os mais insensíveis entre nós não percebem a incrível criatividade e diversidade biológicas existentes na natureza, e essa diversidade, afirmam os especialistas, representa apenas 1% das espécies vivas que já habitavam o planeta antes de nós.

2.3. É hora de soltar as amarras?

Será que chegou a hora de soltar as amarras do “barquinho de São Pedro” para pescar em águas mais profundas? Cremos que sim. Do ponto de vista pastoral, já passou da hora. Há

quem afirme não convir aplicar à vida da Igreja o caráter de criatividade que caracteriza a vida material e biológica. Afinal, o ser humano é um ser “decaído”! Com sua capacidade cognitiva e sua liberdade de escolha, pode optar pelo mal, e é para superar a fragilidade humana que a Igreja mantém a firmeza de sua doutrina e de sua moral. Mas quem da Igreja está acima do bem e do mal? Quem tem o dom da comunicação direta com o Deus da vida? Além do mais, será que o ser humano é tão decaído assim? A escolha do mau caminho é uma fatalidade? A lição da vida e da história humana não o confirma. A “morte” está sempre presente, é verdade, mas é exatamente na morte que está a semente da “ressurreição”. Jesus o intuía quando afirmava que o grão de trigo *devia* morrer (Jo 12,24). Se pensarmos que Jesus ressuscitou, mas não existe ressurreição para nós, somos os mais miseráveis de todos, afirma Paulo (1Cor 15,12-19). A ressurreição possui até uma dimensão cósmica, afirma o mesmo apóstolo (Cl 1,15-20), fato ressaltado pela atual teologia com novo vigor.

Os amantes da estabilidade poderiam ainda alegar que existem mutações aleatórias e muitas delas, em certo sentido, põem a evolução para trás. Mas é justamente por isso que não vingam na natureza! Aliás, sabemos hoje que as mutações não são tão aleatórias assim. São mutações mínimas que não se opõem à estrutura biológica construída no passado. Vimos que a tendência dominante é evoluir na direção de maior complexidade e adaptabilidade ao meio. Da mesma forma, temos no nosso cérebro ou sistema nervoso uma espécie de “capacidade quântica” que nos leva sempre na direção de melhor qualidade de vida. Ao escrever uma carta ou um artigo, a cada momento “nos vem” uma nova palavra, que é sempre uma entre milhares possíveis. Ao fazer um discurso ou manter um diálogo com outra pessoa, a cada momento “nos vem” algo a comunicar, e este algo – que surgiu como que do nada – é sempre uma opção entre milhares possíveis. Nos nossos



Pias Discípulas do Divino Mestre

Como discípulas, vivemos o seguimento de Jesus Mestre em comunidade e somos enviadas a servir o povo de Deus pelo ministério da oração e da arte a serviço da liturgia.

Jovem, você que tem espírito missionário, gosta de liturgia, ama a oração, a arte, a vida... Venha nos conhecer!

Endereços:

Rua dos Estudantes, 285 - B. Liberdade
01505-001 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3208.2376
vocacional@piasdiscipulas.org.br

R. Otaviano Pessoa Monteiro, 31
Casa Caiada
53130-350 - Olinda – PE
(81) 3431.2346
divinomestre.pe@piasdiscipulas.org.br

BR 116, km 145, nº1847 – C. Postal 95
Bairro São Ciro
95001-970 - Caxias do Sul – RS
(54) 3229.2907
divinomestre.caxias@piasdiscipulas.org.br

momentos de quietude, de contemplação, os pensamentos, os *insights* que nos ocorrem são sempre uns poucos em meio aos muitos outros que poderiam nos ocorrer. Somos seres quânticos. Ainda agimos como se fôssemos aquele elétron que, antes de ocupar sua nova posição – em busca de novo equilíbrio –, sonda as muitas posições possíveis. Ninguém, nem nós mesmos, podemos prever o que, no próximo momento, vamos escrever, dizer ou pensar. Há probabilidades, sim. Quem nos conhece e nos ama prevê melhor. Mas fato é que nunca agimos na direção da nossa própria autodestruição. Nem nós, nem o suicida, nem o criminoso ou a criminosa. Analisaremos isso com maior carinho no artigo sobre pastoral e espiritualidade na próxima edição de *Vida Pastoral*.

Voltemos ao ponto central: se a natureza se caracteriza pela criatividade e se sustenta graças a ela, e se a mente humana está aí para garantir a maior criatividade possível, por que a Igreja e a nossa pastoral haveriam de adotar o caminho da estabilidade? “Que se vaya la barca!” Com razão, a atual teologia, por toda parte, critica o dogmatismo excessivo e a postura generalizada de imobilismo que quase sempre encontramos nas nossas autoridades eclesiais. Cosmovisões, no entanto, impõem-se pelo próprio peso. Não será diferente com a cosmovisão ecológica. Sem sombra de dúvida, ouviremos algum dia um *mea maxima culpa* de muitos dos nossos bispos por terem amarrado a Igreja, por tanto tempo, àquilo que não gera vida, mas morte. Muitos dos nossos teólogos e teólogas definem o atual momento da Igreja como o momento do medo. E Jesus por acaso tinha medo quando enviou simples pescadores para o meio de lobos (Lc 10,3)? Não entregou carteirinha para seus ministros e ministras da Palavra. Confiou no Espírito que haveria de inspirá-los (Lc 12,12). É preciso abrir nossa pastoral à criatividade do Espírito. Ouvir os longínquos apelos do protestantismo e os atuais apelos das Igrejas evangélicas e tornar a nossa pastoral

mais “Espírito-cêntrica”. Desde o Concílio de Trento, nossa única “tábua de salvação” foi a doutrina. Evangelizar, porém – ressalta o *Documento de Aparecida* –, é antes de tudo “fascinar” o povo por Alguém (n. 244). Liturgia é muito mais do que ler, é celebrar a vida recebida de Alguém, a vida que todas as pessoas devem ter em plenitude (Jo 10,10). Nossa pastoral ainda está presa à “endoutrinação”. Falta-lhe a emoção do Espírito. Havendo o Espírito, qualquer criatividade é bem-vinda. Vida é criatividade.

3. A “DINÂMICA DA REDE” NA AÇÃO PASTORAL

3.1. É na “rede” que o peixe cai

O conceito de “rede”, hoje, é muito forte nas ciências sociais, embora seja relativamente recente. A biologia evolutiva ajudou muito a pôr o conceito em destaque. No tempo pós-Darwin era comum, especialmente entre os darwinistas sociais, apelar ao conceito de “natureza rubra nos dentes e nas garras”. Na sociedade humana, como na floresta selvagem, apenas os mais fortes teriam condições de sobreviver e progredir. Posteriormente, com a descoberta do “princípio da auto-organização” como característica principal da vida, o conceito de competição foi substituído pelo conceito de cooperação. A “selvageria” que observamos na floresta, com animais se comendo uns aos outros dentro de uma “natural” cadeia alimentar, na verdade representa a “paz” das florestas. É graças à presença dessas mortes que a vida pode – sem qualquer prejuízo ambiental – sustentar-se de forma permanente. Em cada célula viva ou em cada pequeno “nicho ecológico”, como também em qualquer ecossistema ou biota planetária, o princípio é sempre o mesmo: as partes cooperam umas com as outras para manter o todo.

Apenas seres humanos – ou algum imprevisível cataclismo natural, como, historicamente, já ocorreu – têm condições para rasgar a

rede e interromper a “teia da vida”, como já observamos na introdução ao nosso tema. A mente humana, porém, biologicamente, não foi programada para “poluir” seu meio ambiente; ao contrário, foi feita para, com grande criatividade, preservá-lo. Por isso é pouco provável que a humanidade acabe consigo mesma ou com o planeta. Ameaças igualmente sérias como as de hoje já ocorreram no passado. Temia-se a falta de comida devido a um incontável crescimento populacional e o fim do planeta por uma iminente hecatombe nuclear. Hoje, além das seriíssimas ameaças ambientais e sociais, surge o medo do fundamentalismo terrorista vindo de um suposto “eixo do mal”. Jesus já percebeu que, com cada demônio subjugado, sete outros tomariam o lugar (Mt 12,43-45). Os cientistas nos advertem de que não podemos ser demasiadamente otimistas, mas a fé nos diz que a vida vence a morte (1Cor 15).

É importante observar que a constituição de “redes” para preservar a vida ameaçada tem crescido mais fora do que dentro dos limites institucionais da Igreja. Nossa pastoral ainda é predominantemente “intraeclesial”, apesar das mais de 40 Campanhas da Fraternidade que nos convidaram a ampliar os horizontes. Agimos como se não existissem pessoas interessadas fora dos limites das nossas comunidades eclesiais ou paróquias. Tudo tem de estar sob nosso controle. Hoje existem pastorais para tudo o que se possa imaginar. Todas as pessoas são bem-vindas desde que seja “na comunidade”. No Brasil, foram as CEBs que melhor entenderam ser preciso constituir redes em torno dos grandes objetivos da sociedade, mas, mesmo assim, os “vagões” dos grandes encontros intereclesiais são compostos basicamente de lideranças das nossas próprias comunidades eclesiais. Redes autenticamente pluripartidárias e suprarreligiosas encontramos, com maior frequência, entre as ONGs, mas também estas, infelizmente, costumam funcionar de forma paralela às comunidades religiosas.

Constituir grandes redes ou articulações nos níveis mais altos, sejam regionais, nacionais ou mundiais, é algo da maior importância. Articulações como o Fórum Social Mundial e encontros nacionais como os de fé e política sempre deixam suas marcas. A CNBB, por meio da coordenação das pastorais sociais, tem dado ênfase crescente à necessidade de maior articulação entre as forças existentes. A Semana Social e o Grito dos Excluídos, além de diversas outras experiências pastorais, têm sido exemplares nesse sentido. Parece-nos, porém, que “o buraco está mais embaixo”. Quando as articulações nos níveis mais altos não têm repercussão ou ressonância nos níveis mais baixos, elas tendem a ficar sem sustentação. Um dos maiores desafios da pastoral, atualmente, é a constituição de redes em nível local. Redes com grandes buracos não funcionam. Boa parte da vida do pescador é gasta no conserto de sua rede, com a grande preocupação de fazer as malhas na medida certa e sem deixar buracos. Afinal, como ele diz, “é na rede que o peixe cai”.

3.2. Um exemplo concreto

Sendo a constituição de redes em nível local nova perspectiva pastoral por excelência, gostaríamos de apresentar um exemplo concreto. Não para ser copiado, mas para servir de inspiração, adaptado às circunstâncias. Apresentaremos a experiência mediante dados em ordem cronológica:

No final da década de 1980 e início da década de 1990, a região do Jd. Ângela e Capão Redondo, na zona sul de São Paulo, se transformou em campeã nacional de violência urbana. Em 1995, a ONU declarou o Jd. Ângela como “o lugar mais violento do mundo”, com 110 homicídios para cada 100 mil habitantes.

Em 1996, o Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo (CDHEP/CL) e a Região Pastoral M’Boi Mirim decidem

formar uma parceria e, numa reunião conjunta com as lideranças das CEBs, criam o “Fórum em Defesa da Vida contra a Violência”. Um fórum suprapartidário e suprarreligioso.

Ainda em 1996, o fórum realiza, em dia de finados, sua primeira “Caminhada em Defesa da Vida contra a Violência”. Em anos posteriores, a caminhada – realizada até hoje – chega a reunir 20 mil participantes, com grande destaque na mídia.

Como resposta a um simples convite, sem formalidades e sem compromisso, o fórum, em 1999, chega a reunir regular e mensalmente os representantes de 200 entidades as mais diversas, das mais simples associações de bairro às mais sofisticadas organizações universitárias. A coordenação mensal reúne, livremente, os representantes de qualquer entidade.

Entre 1997 e 2000, as diversas entidades, entre as quais muitas escolas, creches, bairros, Igrejas de diversas denominações, além de outras, elaboram propostas para a superação da violência e, em seminários regulares, as apresentam a autoridades municipais e estaduais. Ainda em 1999, as propostas são sistematizadas no documento Em defesa da vida. Em 2002, o governo Lula (em preparação) vem ao Jd. Ângela para acolher as propostas do documento.

No decorrer do tempo, o fórum, além da reflexão permanente das entidades, busca assessorias e apoios técnicos e políticos os mais diversos. Destacam-se o Ministério Público Democrático, a Associação dos Juizes para a Democracia e até a Associação dos Delegados para a Democracia.

Até hoje, o fórum e sua coordenação se reúnem regularmente, mantendo, aproximadamente, a mesma dinâmica (Em defesa da vida, 1999).

Hoje ninguém mais cita a região do Jd. Ângela e Capão Redondo como a mais violenta do mundo. A resposta política a tão forte rede de comunidades religiosas e organizações populares foi extraordinária. Surgiu vida em

muito maior plenitude. Dica importante para uma nova pastoral que queira corresponder à lógica ecológica.

4. POR UMA PASTORAL QUE ROMPA COM A ESTRUTURA CLERICAL

4.1. Aparecida insiste em “reformas institucionais”

O *Documento de Aparecida*, sem tratar explicitamente do assunto, deixou uma mensagem: há necessidade de reformas espirituais, pastorais “e também institucionais” (n. 367). Num encontro como o de Aparecida, por razões diplomáticas, não é fácil aprofundar esse tema. Para os sociólogos ou cientistas sociais, é mais evidente a direta e íntima ligação entre estruturas institucionais e práticas pastorais, mas também teólogos e teólogas do mundo inteiro têm insistido cada vez mais na grande inconveniência de adiar por mais tempo as reformas institucionais de que a Igreja necessita. Comentando a grande esperança de renovação suscitada pelo Concílio Vaticano II e a mais do que evidente tentativa – principalmente depois do Sínodo de 1985 – de rever a situação e “voltar à grande disciplina”, os teólogos em geral têm atribuído esse refluxo ao fato de o concílio não ter tido a coragem ou a possibilidade de implementar as reformas institucionais que, àquela altura, já estavam na ordem do dia. Os teólogos e teólogas da América Latina têm atribuído o refluxo das CEBs também à atitude impositiva de uma nova hierarquia de caráter mais conservador. Não acreditamos que seja tão simples assim, mas “onde há fumaça há fogo”.

4.2. Estrutura clerical onde?

Gostaríamos de fazer a nossa análise com base no que qualquer pessoa pode observar em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). No artigo de introdução ao tema das novas perspectivas pastorais, observamos que, apenas no nosso país, estamos “perdendo”, anualmente,

1 milhão de católicos, que “emigram”, em geral, para as Igrejas evangélicas. De onde vem um poder de convencimento tão extraordinário? Não deixa de ser uma simplificação, mas a resposta mais adequada, provavelmente, é: as Igrejas evangélicas não têm estrutura clerical. Na educação popular, costumava-se dizer que “cada ponto de vista é a vista a partir de um ponto”. Pois o “ponto” de um pastor evangélico é radicalmente diferente do ponto de um padre católico.

O pastor evangélico, normalmente, é casado, o que o identifica espontaneamente com o jeito de ser do povo. Normalmente, ele exerce uma profissão “leiga”, o que o faz estar “inserido” naquilo que é mais incisivo na sociedade e em qualquer família. Normalmente, não possui estudo superior, às vezes nem médio, o que lhe permite com maior naturalidade ver, sentir e falar como a massa do povo comum não letrado. Normalmente, não tem acima de si rígida estrutura hierárquica, o que lhe permite vivenciar e pregar com maior liberdade sua fidelidade ao Espírito. Normalmente, não corre de comunidade em comunidade, obedecendo a uma complicada agenda paroquial supracomunitária. Todos esses fatores facilitam ao pastor evangélico manter e vivenciar uma fé popular comum. A doutrina e o código moral que prega, via de regra, não são fruto de uma imposição “superior”, mas da fé que o empolga. Se souber expressar-se com desenvoltura, para o povo é o que basta. E surgem pastores assim aos milhares, dezenas de milhares. São poucos os limites institucionais.

Onde trabalhamos atualmente, numa paróquia em Diadema-SP, acreditamos haver, em qualquer uma das ruas, uma igreja evangélica a cada cem metros, em média. No Brasil, os “praticantes” evangélicos já devem ser maioria. Os muitos especialistas da Igreja Católica que se ocupam desse tema costumam lembrar alguns pontos muito preocupantes na espiritualidade evangélica, pentecostal e, especialmente, neopentecostal. Também os conhecemos, mas entende-

mos que não nos dispensam de forte autocrítica. O sinal amarelo está piscando há muito tempo. Ao abordar, no próximo número, a relação entre espiritualidade e cosmovisão ecológica, tentaremos aprofundar esse ponto. Ou devolvemos à Igreja a emoção do Espírito, ou a pastoral e, na verdade, toda a instituição continuarão no acima referido “beco sem saída”.

O Concílio Vaticano II trocou o modelo hierárquico de Igreja pelo modelo comunitário de povo de Deus, onde o Espírito se manifesta em cada batizado e cada batizada. Não se pode resistir ao Espírito por muito tempo sem graves prejuízos. Não importa se a vida é gerada por esta ou aquela religião ou Igreja, mas acreditamos que as riquezas acumuladas pela Igreja Católica no decorrer da história são preciosas demais para serem desperdiçadas. Pastoralmente não faz sentido. Mantendo o carisma da vida religiosa e do celibato livremente assumido, leigos ou leigos casados, em princípio, deveriam ter acesso ao ministério ordenado. Com nossa grande quantidade de pessoas teológica e espiritualmente bem preparadas, teríamos mil oportunidades para bem capacitá-los, sem apagar o Espírito. A excessiva dogmatização, reforçada pelo fechamento doutrinário em reação ao protestantismo e à modernidade, e o longo e rigoroso enquadramento do clero católico num modelo de formação e estilo de vida extremamente exigentes, além de uma obediência irrestrita a prescrições litúrgicas e canônicas, deram a esse clero um “ponto de vista” muito racional e pouco emocional. As novas perspectivas pastorais que surgem da cosmovisão ecológica clamam por uma postura mais corajosa dos nossos bispos, os únicos que podem, com eficácia, “tocar as trombetas e derrubar os muros de Jericó” (Js 6,5).

LIVROS CITADOS

CDHEP/CL. *“Em Defesa da Vida”*. São Paulo, 1999 (edição particular).

HAIGHT, R. Escritura: uma norma pluralista para entender nossa salvação em J. Cristo, *Concilium* n° 326, 2008.

PARÓQUIA, REDE DE COMUNIDADES

Pe. Pedro F. Bassini*

INTRODUÇÃO¹

Até o século V aproximadamente, a sede da diocese contava apenas com a Igreja central, onde o bispo com seus presbíteros e diáconos exerciam as funções sagradas – essa era a comunidade. Com o aumento populacional dos fiéis expandindo-se para a zona rural, o bispo enviava um de seus presbíteros para a assistência espiritual àquele povo. Esse processo gerou o início da estruturação da paróquia, que também era a comunidade. No Brasil, o processo foi um pouco diferente: a paróquia se constituiu na cidade, e na zona rural criaram-se as chamadas capelas, onde os padres da paróquia davam assistência ao povo de tempo em tempo, nas desobrigas. As capelas tinham um presidente, que fazia o contato do povo com o padre. Muitos presidentes ficavam nesse posto até morrer. A capela funcionava conforme o desejo do presidente e quando o padre passava para a desobriga. O que sustentava a vida da capela eram os movimentos eclesiais com a reza do terço, ladainhas e outras devoções. Esse costume, fruto do seu tempo, segurou a fé de muitos seguidores, e o espírito da tradição garantiu a continuidade, passando os rituais de pais para filhos. A vida pastoral girava em torno da sede paroquial, que concentrava todas as atividades; as capelas praticamente viviam dos restos. Com o advento do Vaticano II, em muitas dioceses essas capelas foram

transformadas em comunidades, com outra política organizacional.

1. O TERMO COMUNIDADE

O concílio não explorou o tema das comunidades e, quando fala de comunidade, ainda tem como referência a Igreja diocesana ou a paróquia (AG 1216).

O documento nascido da II Conferência dos Bispos Latino-Americanos, ocorrida em Medellín no ano de 1968, está todo perpassado pelo termo comunidade e há nele todo um empenho para formar comunidades, pequenas comunidades, comunidades eclesiais de base. Afirma que a renovação da paróquia se dará pela renovação das estruturas pastorais, criando comunidades cristãs na base (15,10).

Na III Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla em 1979, já se percebe uma boa elaboração do termo e seu concreto significado. Há uma definição do que é a comunidade (641-643); sua origem histórica na América Latina (9); como amadureceu e se multiplicou (96); começa a dar frutos (97); o reconhecimento de sua validade (156); e já torna possível intensa vivência da Igreja como família de Deus (239).

* Pároco da Paróquia do Santíssimo Sacramento da Eucaristia em Cachoeiro do Itapemirim-ES. Foi presidente da Conferência Nacional de Presbíteros e subsecretário-adjunto para a pastoral (CNBB).

DESVENDE OS ENIGMAS DA BÍBLIA COM ESTA COLEÇÃO DE DVDS MODERNA E ENVOLVENTE!

Fotos: Stocking SXC

Gratidão PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.



Compreender toda a riqueza e profundidade da Palavra de Deus é o desejo de todos aqueles que a reconhecem como fonte de vida e de sabedoria. É por isso que a **PAULUS** oferece ao público a série **Desvelando os Enigmas da Bíblia**. Preparada com base nos mais modernos estudos sobre a Sagrada Escritura e abordando os principais aspectos dos textos sagrados sob as óticas cultural, teológica, histórica e multidisciplinar, a apresentação é feita de forma clara e objetiva, o que torna os DVDs atuais e agradáveis de serem vistos.

CONFIRA ALGUNS TÍTULOS DA SÉRIE INÉDITA.



PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

Vendas: (11) 3789.4000 | SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS



Cupom para renovação - Vida Pastoral

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Pia Sociedade de São Paulo – PAULUS Editora – às paróquias e instituições cadastradas no Anuário Católico do Brasil. Nas cidades onde há livrarias PAULUS, retirar a revista na própria livraria.

Pedidos avulsos (particulares) ou coletivos (mais de 1 exemplar a uma só instituição) necessitam de renovação anual. Sem ela a assinatura será suspensa. Sendo de seu interesse continuar recebendo Vida Pastoral em 2011, descreva a quantidade desejada: _____, preencha o cupom e envie-o acompanhado de contribuição para as despesas de postais para o Departamento Financeiro / Vida Pastoral – à Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091 – São Paulo – SP.

FORMAS DE PAGAMENTO

- ☐ Encaminho pelo correio o cheque nominal número _____ do banco _____, nominal à Pia Sociedade de São Paulo, no valor de R\$ _____.
- ☐ Encaminho pelo correio anexo a esta Carta Resposta o comprovante de depósito* no valor de R\$ _____, nominal à Pia Sociedade de São Paulo, conforme dados abaixo:
- ☐ Banco do Brasil - Ag. 0646-7 / c/c 5555-7
 - ☐ Bradesco - Ag. 3450-9 / c/c 1139-8

* Sem o comprovante de depósito não há como identificar o pagamento.

Não enviamos boleto bancário.

CÓDIGO DO ASSINANTE: _____

TELEFONE: _____ CELULAR: _____

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CAIXA POSTAL: _____

CEP: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

CNPJ ou CPF: _____ INSC. EST. ou RG: _____

E-MAIL: _____ FAX: _____

NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL: _____

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL: _____

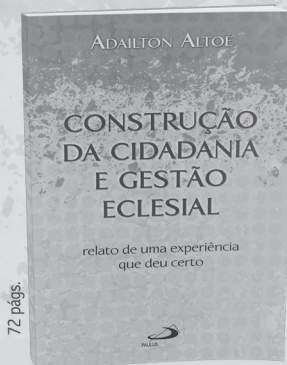
A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo no ano de 1992. Em seu documento, encontramos vasta citação do termo *comunidade cristã e comunidade eclesial de base*. Os bispos afirmam sua necessidade e seu valor e já acenam para uma organização da paróquia em rede de comunidades: a paróquia, comunidade de comunidades e movimentos... É uma comunhão orgânica e missionária (58).

A V Conferência ocorreu em Aparecida em 2007. Embora os bispos falem de comunidade em quatro instâncias: pequenas comunidades, comunidade de vida e aliança, novas comunidades e comunidades eclesiais de base, o termo aparece 144 vezes no desenrolar do documento. Importa ressaltar que o tema foi abordado e recebeu força para um prosseguimento futuro, sendo indicado como o caminho para verdadeira evangelização. E não poupa elogios a essa forma de organizar a paróquia, falando de suas estruturas caducas e propondo sua setorização em rede de comunidades. Para Aparecida, a paróquia deve ser comunidade de comunidades (170-172).

2. UMA LEITURA DA ESTRUTURA PAROQUIAL

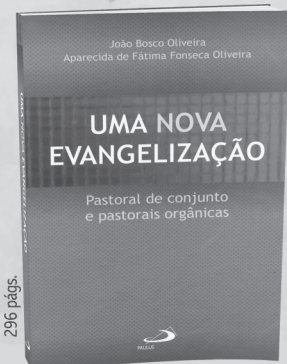
Uma estrutura que não é de hoje, mas secular, milenar. Passou por várias crises e várias investidas de renovação, alguma coisa se adaptou, mas, em sua essência, nada mudou. A sociedade progrediu, as culturas se alteraram, porém o núcleo paroquial da matriz com o pároco e sua centralidade continuam. Nas análises da realidade em várias Igrejas particulares, entre as sombras, sempre aparece a estrutura paroquial pesada; a administração paroquial ocupa o tempo da pastoral; a burocracia institucional da paróquia emperra a vida espiritual; o pároco gasta mais tempo em construções do que atendendo o povo. São algumas dessas sombras. A paróquia ainda se confunde com a matriz e ela detém toda a primazia.

Comprometer-se com o bem da comunidade é uma rica experiência de fé e cidadania!



Construção da cidadania e gestão eclesial
Relato de uma experiência que deu certo
Adailton Altoé

O presente texto é o relato de uma experiência significativa de construção da cidadania, vivenciada pelo autor da obra e orientada pela efetivação de direitos por meio da gestão eclesial.



Uma nova evangelização
Pastoral de conjunto e pastorais orgânicas

João Bosco Oliveira e Aparecida de Fátima Fonseca Oliveira
Os autores oferecem iniciativas para aprimorar as ações evangelizadoras com base nas Sagradas Escrituras e no Magistério da Igreja. Notável contribuição para o desenvolvimento de uma ação pastoral realmente atual.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



2.1. Paróquia matriz

Toda a atividade eclesial ocorre em torno da matriz, que centraliza em si a vida espiritual, tornando-se um centro introspectivo. O povo vem à Igreja, mas a Igreja não vai ao povo, carece de uma atualização missionária, pois não irradia, mas só ilumina a si mesma. Essa forma paroquial é centralizada no pároco, e dele dependem toda a organização e as decisões, os fiéis são apenas assistentes; um modelo de cristandade que perdura em nossos tempos com tendência a se expandir, dependendo da mentalidade eclesial do pároco. A sacramentalização (o ritualismo técnico-objetivo) é amplamente praticada. Vive-se mais a religiosidade que a espiritualidade, pelas práticas devocionais. As tradições, quase intocáveis, marcam o calendário das atividades maiores, e não há interesse em fazer planejamento pastoral, pois a tradição precisa ser cumprida, basta continuar cada ano repetindo o calendário com pequenas inovações. A organização que emana dela são algumas pastorais e outros grupos para sustentar a vida litúrgica e a continuidade da doutrina. Uma vivência muito objetiva e clara, porém fechada em si mesma e excludente.

2.2. Paróquia matriz-filiais

Traz as mesmas características da paróquia matriz centralizada, só acrescentando as capelas, compreendidas mais ou menos como simples filiais da matriz. Dela tudo depende, e tudo o que fazem deve concorrer para a matriz. Basicamente, a capela funciona com a missa periódica e a festa do padroeiro; outros sacramentos e atividades convergem para a matriz. Em muitos lugares, a capela só funciona conforme o calendário de visita do padre.

2.3. Paróquia santuário

Há uma população residente que sustenta a organização e vive em função do santuário. Embora exerça uma ação centralizada, há um diferencial nos fiéis que participam. Torna-se

um lugar de passagem com alta rotatividade de pessoas que, com as mais variadas intenções, acorrem ao santuário: pagam promessas, participam de sacramentos, adquirem objetos religiosos, abastecem sua religiosidade e retornam ao seu mundo vivencial, aguardando uma próxima viagem. Muitos desses peregrinos, em seu lugar de vida, são membros ativos da Igreja local. A pastoral do santuário não considera muito seus moradores locais. Eles se misturam aos peregrinos visitantes, tornando-se assistentes como os que vêm de fora. Toda a pastoral, intraeclesial, está centrada na devoção que o santuário propaga e funciona com a metodologia das massas: o *show*, o espetáculo, a linguagem objetiva e curta, muitas vezes condicionante. O eixo-motor é a doutrina com os ritos sacramentais, que promovem uma religiosidade individualista para atender à expectativa de cada pessoa que ali chegou. As pastorais sociais têm pouca atenção e se aplicam prioritariamente ao bem-estar dos peregrinos.

2.4. Paróquia rede de comunidades

Suas características principais são:

- a) descentralização;
- b) empoderamento dos fiéis;
- c) ministerialidade;
- d) consciência de pertença;
- e) poder-serviço;
- f) missionariedade;
- g) transformação social.

a) *Descentralização* (o conselho de Jetro a Moisés, Ex 18,13-27). A vida eclesial se desenvolve na comunidade, e a matriz, em sentido pastoral, torna-se apenas uma comunidade. Embora conserve o poder jurisdicional canônico, é apenas uma instituição jurídica e de serviço à rede de comunidades que a compõe em seu território prescrito. O poder não está centralizado na matriz e no pároco, e sim no conselho que rege a rede: o conselho pastoral paroquial, formado com representantes

oficiais de cada comunidade, basicamente sua coordenação. As decisões são sempre colegiadas tanto para a rede como para cada comunidade, que conta com o seu conselho comunitário pastoral. Este é formado pelas forças vivas da comunidade: líderes nas pastorais, nos movimentos e nas associações de cunho tanto religioso quanto político-social. Essa descentralização compreende uma interdependência funcional das comunidades entre si e com o pároco, que se torna o animador da rede paroquial. Com isso, a comunidade torna-se sujeito na evangelização e não apenas objeto, em que um líder descarrega sua fala sobre o evangelho ou outro assunto qualquer de cunho religioso.

b) *Empoderamento dos fiéis*. Fica eliminada a clássica divisão clero-leigos: a Igreja ao clero, o mundo aos leigos. Todos os fiéis, exercendo a missão batismal, são corresponsáveis na evangelização, cada um no seu lugar e ministério, ordenado ou não ordenado, organizados para a funcionalidade do todo eclesial. Essa mentalidade gera o respeito a cada membro da comunidade, que se sente acolhido e integrado ao corpo comunitário e sabe do seu direito e do seu dever. Para isso, o plano de pastoral paroquial vai contemplar grande espaço de tempo para o estudo, favorecendo a formação em todos os níveis de organização do povo nas comunidades. Dessa forma, fica clara a visão do Vaticano II sobre a Igreja povo de Deus (LG 308). Do nível da assistência passa-se ao nível de participante, integrante, celebrante. A espiritualidade encarna na vida e será exercida em qualquer lugar e função que se desenvolva, pois o fiel é Igreja por onde ele passa, e seu testemunho torna-se visível pelo seu comportamento vivencial. Cessa a dependência e se cria a intercomunhão, que possibilita o diálogo maduro em todos os níveis. Na dependência, funciona a subserviência e a escravidão; só na autonomia a liberdade pode ser exercida. Nesse sentido, empoderamento é devolver ao outro o direito que ele tem de sustentar uma

relação em nível de pessoa, com sua característica pessoal, ou seja, no seu jeito de ser.

c) *Ministerialidade*. Uma Igreja toda ela ministerial significa ir às fontes do cristianismo, resgatando o jeito de viver o evangelho nas primeiras comunidades e o adaptando às exigências reais deste tempo na sua culturalidade; mas o princípio é o mesmo, basta conferir as cartas apostólicas no que diz respeito à vida da comunidade. O exemplo disso é a comparação que o apóstolo Paulo faz da comunidade com o corpo (1Cor 12,12-31). Há uma variedade de membros, cada um com sua função definida, porém na unidade do corpo e todos os membros em prol do mesmo corpo. O corpo só funciona bem se seus membros estiverem funcionando bem. Cada um no seu posto e o todo vai bem. O diferente não atrapalha, mas complementa e desenvolve diferentemente uma função que completa a harmonia. Diferentes, mas todos igualmente importantes e respeitados em sua função. São ministérios de serviço e não resguardam privilégios, sentem-se realizados enquanto servem e o ganho final é sempre do corpo inteiro. O ministro não apresenta um *show* com base em seus talentos nem está interessado em aplausos que elevem seu orgulho pessoal. O que vale é o “com-junto” (junto com). Por ministério entendemos um serviço institucionalizado e continuado que faz existir a comunidade, pois todo ministério existe para a comunidade, ele é essencialmente comunitário, aí ele nasce e se desenvolve.

d) *Consciência de pertença*. O batismo insere a pessoa no seguimento de Cristo numa comunidade. Na Igreja primitiva, os convertidos passavam pelo batismo e daí em diante testemunhavam o Ressuscitado, mudavam seu comportamento vivencial e, mesmo que por causa desse modo de viver fossem levados ao martírio, dificilmente trocavam o comportamento, renegavam o nome recebido. “Vestiam a camisa”, defendiam a causa, propagavam com a própria vida e em qualquer ambiente

testemunhavam. A fé modelava a vida. Essa é a MINHA comunidade; eu SOU essa comunidade. Se ela vai bem ou mal, depende também de mim, e, quando critico, é para fazê-la progredir. A consciência de pertença é o enraizamento da pessoa na comunidade; bem enraizada, ela está segura e pode circular por vários ministérios e serviços sempre com a mesma disponibilidade e alegria. Como sinais concretos de pertença, podemos definir: a presença responsável, a frequência às atividades – celebrações e eventos –, o compromisso com o dízimo, a colaboração nas necessidades extraordinárias e o estudo para alargar os conhecimentos eclesiais.

e) *Poder-serviço*. Aqui, os membros da comunidade se embasam no testemunho de Cristo, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate” (Mt 20,28). Estamos falando da autoridade moral, que se faz respeitar pela força interna da alma e não pela ditadura da lei ou pela força das armas. O poder-serviço nunca tem medo do diálogo e aceita na mesa de conversação qualquer tipo de assunto em busca do que seja melhor para a comunidade, sem, porém, abrir mão da ética e da caridade. O poder que não é serviço exclui assuntos e, para não sair do mando, foge. Aplica a lei com parcialidade para beneficiar-se das definições. Põe-se acima do bem e do mal, é sempre um juiz definidor. Mas Deus se fez serviço (Lc 17,10). Pelo poder-serviço nunca se buscam privilégios, ganhos ou lucros – “serve enquanto serve” e continuará sempre servindo, pois descobriu que nesse sistema está a alegria e toda a realização humana. Não é um trabalho com remuneração, mas é a aplicação da gratuidade na graça. Isso enobrece a alma.

f) *Missionariedade*. Na comunidade, a missão não é um ministério ou um serviço temporário que uma pessoa determinada desenvolve. É a razão de ser da comunidade. A missão da Igreja é evangelizar, e isso não significa só falar do evangelho. Toda

a comunidade é missionária enquanto vive o evangelho no jeito de Jesus. Se alguém é designado para uma função fora da comunidade, nunca vai para mostrar seu talento pessoal. O que faz, o faz em nome da comunidade que o enviou. Normalmente, essas funções são desenvolvidas em duplas ou equipes, justamente para salientar o aspecto comunitário. Para ser missionário, primeiro se precisa ser discípulo. No discipulado está o aprendizado. Aprender a tomar a cruz de cada dia para estar seguro do seguimento. Por isso, a teologia da cruz tem lugar de destaque na comunidade. Pois ela não se reúne para efetuar curas ou milagres nem para fazer *shows*. O seu *marketing* é a cruz da qual pendeu a salvação do mundo. A comunidade deve ser tão grande, que nela caibam todas as realidades existentes em seu território, inclusive afetivo, mas deve ser tão pequena, que todos os membros se conheçam e ninguém fique escondido ou excluído. Por isso, quando o número de fiéis aumenta muito, é hora de exercer a missão e fundar outra comunidade para não perder a irmandade. Com isso, multiplicam-se as lideranças, favorece-se a presença, expandem-se os sinais testemunhais. A comunidade é missionária em si mesma e para fora de si. Aonde quer que vá um fiel formado nessa mentalidade, seu compromisso é ser comunidade, inserindo-se em uma já existente ou formando outra.

g) *Transformação social*. Em uma paróquia centralizadora ou de massa, sua periferia ficará sempre abandonada, e justamente os pobres, pelos quais o Cristo fez opção preferencial, continuam desamparados. Transformação social está ligada com reino de Deus. O objetivo da vivência da fé, ou da evangelização, é fazer que a sociedade seja justa, fraterna e solidária. Implantando comunidades em todo o território social, cria-se a estrutura para a dinâmica do reinado. Muitas realidades eclesiais perderam

a ligação com esse objetivo. Centram toda a pregação no reinado pós-morte e na vivência individual dos valores morais do tipo “salva a tua alma!” Quando Jesus anunciou o reino, quis garantir um lugar de vivência saudável para a humanidade. Por isso, a comunidade não está ocupada apenas com a dimensão espiritual da pessoa, mas quer cuidar também do corpo dessa pessoa e do lugar onde esse corpo, essa pessoa, habita. Trabalhar politicamente para as melhorias físicas do bairro onde reside é genuína evangelização; promover o bem comum, cuidar dos bens que pertencem a todos, é evangelização; ajudar o outro a ser mais feliz é evangelização; defender a ética na política, no comércio e nas relações interpessoais é evangelização; denunciar a corrupção e todas as falcaturas é evangelizar. Toda espiritualidade que não leva o fiel a esse comportamento não vem de Deus.

3. PARA RENOVAR A ESTRUTURA PAROQUIAL

Parece-me que o grande obstáculo para concretizar o sistema paroquial em rede de comunidades é a falta de vontade política aliada à macromentalidade eclesial do momento. É preciso vontade política do clero e de todas as lideranças eclesiais na Igreja particular para iniciar e continuar o sistema, observando e contemplando as características próprias que ele requer. A Igreja particular é autônoma e completa em sua constituição. O povo católico que aí habita é supervisionado por um sucessor dos apóstolos que, auxiliado por todos os ministérios e serviços necessários ao existir concreto desse mesmo povo, atua na evangelização com todas as suas exigências. Tomada a decisão, o próprio jeito de caminhar, considerando as realidades locais, vai aperfeiçoando os instrumentos que favorecem a vida espiritual desse mesmo povo e o faz progredir na consciência de ser Igreja, povo de Deus. A reflexão acerca de alguns temas e o seu aprofundamento ajudarão na

compreensão e assimilação desse jeito de ser Igreja.

- Compreender a teologia da Igreja particular. Qual o rosto dessa Igreja? Como ela encarna o evangelho na cultura e no jeito de viver desse povo? O anúncio do evangelho ilumina e traz esperança, promove os valores dessa cultura?
- Passar do poder eclesial para o poder eclesial que favorece o empoderamento dos fiéis. Viver o poder-serviço que respeita a pessoa em seu lugar e com os seus valores, acolhendo-a do jeito que ela é e está, para que, a partir desse encontro, ela se encontre, encontre a Cristo e faça a opção pela comunidade.
- Promover a pessoa em sua individualidade, ressaltar sua dignidade, respeitar suas particularidades para que não seja apenas um número na massa, mas tenha consciência de seu lugar eclesial e o exerça com liberdade e gratuidade. A massa quer emoção, porém elas são passageiras e não se sustentam nos momentos de crise ou qualquer outra dificuldade.
- Superar o individualismo espiritual que infantiliza a relação com o transcendente. Respeitar Deus em seu lugar de Deus e aceitar o lugar de criatura feita à imagem de Deus, mas não é Deus ou mais que Deus. Uma espiritualidade adulta sabe em quem confia e por que confia, tem certeza do objetivo final da vida que é Deus mesmo. Não se desespera diante dos infortúnios, pois sabe da companhia que tem, e nada lhe amedronta (Sl 22).

Formar os fiéis para sua ministerialidade, que não existe por faltar ministros ordenados, mas por ser decorrência do batismo e, portanto, direito da fé recebida e expressa na comunidade.

Em algumas dioceses que já atuam nesse sistema, ainda se observa que a matriz ocupa

lugar privilegiado. Lá se reúnem as pessoas com maior destaque social e em maior número. Parece que isso enaltece o ego presbiteral, que dedica mais tempo, e tempo nobre, a esse grupo de fiéis. Eles são mais santos por terem maior presença do padre? Não seriam os mais distantes, mais pobres, com maiores dificuldades e socialmente menos expressivos a precisar de maior presença pastoral? Ou será que o dízimo maior atrai a atenção do padre?! A consciência do sistema de comunidade em rede deve gerar também a solidariedade entre elas, e a partilha não pode ser obstáculo, mas exercício da caridade fraterna. Partilha dos bens, dos dons, dos carismas e talentos. Partilha da vida, em que cada comunidade entra com o que é e tem, para que não haja necessidade em nenhuma comunidade nem seus membros passem necessidade. O exercício pastoral em uma rede de comunidades não obedece ao sistema de castas ou *status*. Centra sua atenção na pessoa, imagem de Deus, onde quer que ela esteja e qualquer que seja sua condição humana; por isso o evangelho se faz serviço para, na humildade, chegar a todos.

4. O LUGAR DO MINISTÉRIO ORDENADO

Integrado no povo de Deus, contando com os diversos conselhos em seus níveis organizacionais e com a variedade ministerial, o ministro ordenado sente-se mais confortável espiritualmente em sua função de pastorear e administrar a paróquia. Perde poder e ganha autoridade; perde *status* e ganha humildade. Diminui a responsabilidade e aumenta a solidariedade, o comprometimento. Ocupando somente o seu lugar, ganha segurança e leveza para as decisões que lhe competem. Torna-se então animador, estimulador, provocador, para fazer avançar a evangelização e despertar cada vez mais a consciência da missão, que é de todos. Sua função principal não é sacramentalizar, mas formar o povo de Deus para a vivência dos sacramentos em todas as dimensões da vida.

Tendo clareza de seu lugar de fiel no discipulado, fica mais fácil exercer o ministério ordenado a serviço do povo.

CONCLUSÃO

Na Igreja no Brasil, onde mais de 70 mil comunidades celebram o domingo sem a presença do ministro ordenado, essa forma de organizar a paróquia favorece aos fiéis a corresponsabilidade na evangelização e os amadurece na missão. Não está em jogo o valor da celebração eucarística ou o valor da celebração em torno da palavra de Deus, dirigida por um ministro não ordenado. Importa aqui ressaltar o valor da comunidade que se reúne para celebrar. Ninguém põe em dúvida que deveria sempre ser celebração eucarística. Porém, pelas circunstâncias históricas, nossa Igreja carece de ministros ordenados neste modelo atual. Certamente, ao ser atingida essa realidade, sempre haverá lugar para a diversidade de ministérios não ordenados, desde que se compreenda a Igreja como um corpo orgânico que vive em conjunto. Isso, sim, seria a “leveza” completa da estrutura paroquial, em que cada comunidade teria o seu corpo ministerial completo. Evidentemente, o pároco teria outras ocupações, e a forma de atuação do bispo não seria a de hoje. Haveria tempo mais que suficiente para a meditação, a contemplação, o acolhimento, a orientação espiritual, a visitação, o estudo e o aprofundamento nas ciências eclesiais para melhor formar o povo nas comunidades com seu corpo ministerial. Quando será? O sonho não pode ser perdido e, quanto mais alimentado for, mais próximo se realizará. Enquanto isso, é preciso continuar investindo e acreditando nesse jeito novo de ser Igreja para, conscientemente, estabelecer o diálogo com os valores sociais em constante transformação, manifestando publicamente os sinais da esperança que nunca decepciona, razão da fé cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Antônio José de. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRIGHENTI, Agenor; CARRANZA, Brenda (Org.). *Igreja, comunidade de comunidades – Seminário do INP*. Brasília: CNBB, 2009.
- CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Novas comunidades católicas*. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.
- CELAM. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*: conclusões de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*: a evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla: conclusões. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. *IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Santo Domingo)*: nova evangelização, promoção humana, cultura cristã: documento de trabalho. Edição didática elaborada por João B. Libanio, sj. São Paulo: Loyola, 1993.
- _____. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Paulus: Paulinas; Brasília: CNBB, 2007.
- COMBLIN, José. *Pastoral urbana*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- RUBIO, Alfonso Garcia. *Nova evangelização e maturidade afetiva*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- VATICANO II. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

Nota:

1. Não se trata de um texto acabado, mas provocativo, com a intenção de suscitar a reflexão e abrir espaços de questionamentos sobre o assunto. A base em que me apoio, além da literatura e de documentos a respeito, é a vivência pastoral na Paróquia Santíssimo Sacramento da Eucaristia, onde sou pároco, na Diocese de Cachoeiro de Itapemirim-ES.

FOLHETO O DOMINGO CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS



Trata-se de um excelente subsídio para as celebrações litúrgicas nas comunidades sem padres.

O folheto auxilia na preparação e na animação das celebrações da Palavra, trazendo as leituras, orações, comentários e dicas para a reflexão sobre as leituras, além de artigos para o enriquecimento catequético-pastoral e espiritual.

**Assinaturas: (11) 3789-4000
ou pelo e-mail: assinaturas@paulus.com.br**

Criação PAULUS / Imagem meramente ilustrativa.

PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA E FILOSOFIA

**Faculdade Jesuíta de Filosofia
e Teologia - FAJE**

*Formação filosófica e teológica
com excelência!*

Mestrado e Doutorado em Teologia

Áreas de Concentração:

- | | |
|------------------------------|--------------------------|
| I. Teologia da Práxis Cristã | II. Teologia Sistemática |
|------------------------------|--------------------------|

Linhas de pesquisa

- | | |
|---|--|
| 1. Espiritualidade Cristã e Pluralismo Cultural e Religioso | 1. Fontes Bíblicas da Tradição Cristã |
| 2. Tendências Éticas Atuais | 2. Interpretação da Tradição Cristã no Horizonte Atual |

Mestrado em Filosofia

Áreas de Concentração e Linhas de Pesquisa

- | | |
|----------|--------------------------|
| 1. Ética | 2. Filosofia da Religião |
|----------|--------------------------|

**Reconhecidos pela Santa Sé
Credenciados pela CAPES/MEC**

FAJE – nota 5 no IGC-MEC (13/01/2011)
– uma das 25 melhores instituições universitárias nacionais

PPG -Teologia – nota 6 (escala 1-7) na avaliação da CAPES/2010 – padrão internacional

Informações: coordpgteo@faculdadejesuita.edu.br –
tel.: (31) 3115-7005/7076
coordpgfilo@faculdadejesuita.edu.br
tel.: (31) 3115-7002/7076
<http://www.faculdadejesuita.edu.br>

OS AMBIENTES MIDIÁTICOS DO CATOLICISMO PLURAL E FRAGMENTADO NAS TELEVISÕES CATÓLICAS¹

Pe. Marlson Assis de Araújo*

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre televisão apresentam pouca produção analítica sobre o modo como os produtos televisuais comunicam, pois os programas de televisão são formas muito difíceis de caracterizar, por serem produtos seriados, muito misturados. Na análise da televisão, o que importa é o texto televisivo como produto cultural, pois a TV constitui um texto semiótico muito heterogêneo, existindo nela coisas positivas e negativas. No mundo da TV, tudo o que é adaptado para esse meio vira televisão. Passa a ser um produto televisual e deve ser analisado como tal.

A TV se inseriu de tal modo na vida cotidiana, que é impossível conceber algo sem a televisão, não se pode ignorá-la. A TV é hoje o palco privilegiado dos espetáculos cotidianos. Segundo Bucci, no Brasil, a TV reina praticamente sozinha, sem rivais, e é ela que molda o espaço público nacional para os brasileiros. É ela que faz a agenda nacional acontecer e se tornar realidade. Ela, a TV, é o lugar em si, onde as coisas realmente acontecem, transformando o espaço público em espaço expandido, só que de acordo com seus interesses e critérios, constituindo e conformando esse mesmo espaço. Desde a década de 60, é ela quem identifica o Brasil para os brasileiros (Bucci, 2004, p. 30-32).

Vivemos numa sociedade pós-industrial, midiática, uma nova etapa do capitalismo

centrado na mídia. A sociedade é reestruturada em nome das novas tecnologias, produzindo *novos ambientes*, que passam a ser configurados de acordo com determinados aspectos, denominados pelo comunicólogo alemão Harry Pross (1989) de “ambientes midiáticos”. É um contexto marcado pela tirania das imagens e pela submissão alienante ao império da mídia, no qual a religião se transformou em mercadoria de consumo ou *bens de salvação*, na feliz expressão de Pierre Bourdieu (2005), que cada um busca na medida dos seus gostos e das suas necessidades.

É nesse contexto comunicacional complexo que abordamos a participação das televisões católicas. Que tipos de ambientes midiáticos são produzidos pelas televisões católicas no Brasil? Como esses ambientes midiáticos influenciam na consolidação da Igreja Católica no país? Como o catolicismo via televisão, de interfaces plurais, interfere e influencia na constituição da cultura contemporânea? São algumas questões que pretendemos suscitar

* Bacharel em Teologia pelo Instituto de Pastoral Regional – Ipar (CNBB Norte II); especialista em Comunicação e Cultura pelo Sepac/Cogea – PUC-SP; mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP e doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, onde desenvolve pesquisa sobre o catolicismo nas televisões católicas do Brasil.

É pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (Cisc). Atua como vigário paroquial na Paróquia São Pio X e Santa Luzia, na Região Episcopal Belém da Arquidiocese de São Paulo – SP. marlson@uol.com.br

para o debate e a reflexão. Neste artigo, apresentamos uma *tipologização* das televisões católicas no Brasil em ambientes midiáticos. É uma análise semiótica e, ao mesmo tempo, propositiva, da mídia televisiva católica.

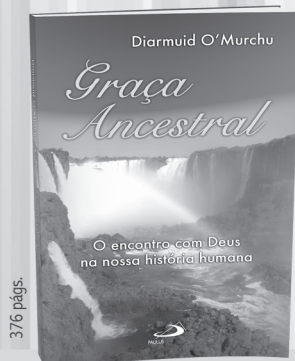
1. AS TELEVISÕES CATÓLICAS NO BRASIL

Um dia, numa aula na PUC-SP, ao apresentar-nos e dizer que pesquisávamos as televisões católicas, o professor nos indagou surpreso: “Existem televisões católicas?” A pergunta dele nos deixou mais surpreso ainda com o seu desconhecimento sobre elas. Elas existem, sim, e estão aí, no cenário televisivo, consolidando-se. Se existe pouca produção de análises sobre televisão no Brasil, isso também pode ser afirmado muito mais em relação à produção de análises sobre televisões católicas. A Igreja Católica saiu atrasada no *campo religioso* da televisão no Brasil, como poderemos constatar neste breve percurso histórico do surgimento de suas televisões.

A Rede Vida de Televisão, fundada em 1º de maio de 1995 por um grupo independente, liderado por João Monteiro de Barros Filho, e mantida pelo Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã (Inbrac), cobre aproximadamente 100% do território nacional e, com 325 retransmissoras, apresenta-se como o “canal da família” e também como o “canal da boa notícia”, recebendo, na atualidade, grande apoio da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Sua sede geradora fica em São José do Rio Preto-SP.

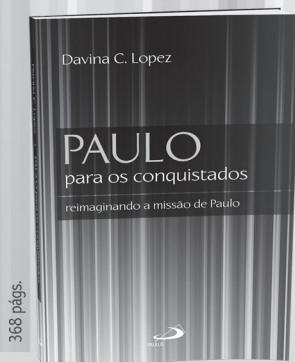
A TV Canção Nova, fundada pelo padre paulista Jonas Abib em 8 de dezembro de 1989, com sede em Cachoeira Paulista-SP, é o *primeiro canal de televisão católico carismático do país*. Conta com cinco produtoras e atinge todo o território nacional por meio de antenas parabólicas, 127 operadoras de TV a cabo e 396 retransmissoras. Seu sinal ainda consegue atingir o continente americano, a Europa Ocidental, a África do Norte e o Oriente Médio por meio do sistema de satélites e TVs a cabo.

Deus se faz presente na história pelos mais diversos meios. Conheça alguns deles!



Graça ancestral
O encontro com Deus na nossa história humana
Diarmuid O'Murchu

Este fascinante relato da raça humana combina história, antropologia e espiritualidade para meditar sobre a presença inesgotável de Deus na vida dos seres humanos.



Paulo para os conquistados
Reimaginando a missão de Paulo
Davina C. Lopez

Davina Lopez propõe reflexões sobre a missão de Paulo e reinterpreta temas recorrentes nos estudos relacionados ao apóstolo, uma das figuras mais influentes da civilização ocidental quando o assunto é religião, moralidade e política.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



A TV Século 21 também se configura como outro braço da Renovação Carismática Católica. Foi criada em 11 de junho de 1999, com sede em Valinhos-SP, pelo padre carismático Eduardo Doughert, jesuíta norte-americano, um dos que trouxeram o Movimento da Renovação Carismática Católica para o Brasil. É mantida pela ASJ – Associação do Senhor Jesus, também fundada pelo padre Eduardo na cidade de Campinas-SP em 1979. Essa TV é sintonizada, por meio de antenas parabólicas, em todo o Brasil e em diversos países por meio de satélites.

A TV Aparecida, já conhecida como “a TV de Nossa Senhora”, com sede em Aparecida-SP, foi criada em 8 de setembro de 2005 pelos padres redentoristas que cuidam do Santuário de Aparecida e pelo arcebispo local. Essa TV é sintonizada no canal 59 UHF em sinal analógico e digital e, como está em fase de expansão, faz aliança com a Rede Vida de Televisão para algumas de suas transmissões. É a TV católica mais recente e leva o culto de Nossa Senhora Aparecida a todo o Brasil e também a outros países, por meio da internet.

Destacamos, também, a TV Nazaré na região amazônica, que tem a sua sede geradora em Belém do Pará e foi fundada em 11 de maio de 2002 como TV educativa e com perspectivas amazônicas, por intermédio do canal 30E em UHF, alcançando aproximadamente 9 milhões de pessoas em toda a Amazônia Legal, com 79 retransmissores. Em 2004, foi inaugurado o sinal da TV Nazaré no satélite, através da *New Skies Satellites*, chegando a todo o continente americano, ao norte da África e a boa parte da Europa. É uma emissora da Arquidiocese de Belém do Pará mantida pela Fundação Nazaré de Comunicação.

2. TIPOLOGIAS CATÓLICAS NA TELEVISÃO E SUAS ECLESIOLOGIAS SUBJACENTES

A Igreja Católica não optou por uma única TV dos católicos, de abrangência e força nacional. O que seria melhor para a Igreja no país: uma TV só, equivalente a um *padrão Globo de*

qualidade,² ou várias TVs católicas, segmentadas em torno dos seus projetos televisivos de evangelização, como a realidade apresenta? Os bispos católicos optaram por deixar o campo televisivo de identidade católica à livre iniciativa, o que gerou a fragmentação, a dispersão e as diferenças de suas atuais TVs. Como cada canal de TV tem a sua própria direção e chefia, o que resulta no monopólio e controle de seus conteúdos e roteiros, a CNBB procurou contornar isso, tentando dar uma direção oficial a elas mediante a comissão episcopal encarregada pelo Setor das Comunicações Sociais da CNBB.

É com base na fragmentação e nas diferenças que podemos fazer uma *tipologização* das TVs católicas em três importantes blocos: as *pentecostais*, as *tradi-institucionais* e as *marianas*. Cada *tipo de televisão* compreende determinada *eclesiologia*³ que, conseqüentemente, configura toda a grade de programação de suas emissoras, apresentando em imagens no vídeo algumas modalidades dos jeitos católicos de ser, por trás dos quais existem *modelos estruturais de Igreja* que repercutem em todo o corpo eclesial e social.

Segundo Libanio, a descrição e a análise desses modelos (que ele chama de *cenários*) nos ajudam a entender a realidade, mas sem manifestar preferência ou mesmo escolha por um dos modelos. O cientista que analisa esses cenários descreve-os com objetividade, destacando o posicionamento das forças dominantes, assim como a reação das forças sociais opostas. Diz o teólogo:

Um cenário não se escolhe. Impõe-se. Tem-se de viver dentro dele. As análises ajudam a elaborar as estratégias de resistências, caso triunfe um cenário adverso. Ou a organizar as próprias forças vitoriosas.

A Igreja, como Instituição, comporta-se dentro de determinado cenário, num duplo movimento: ad intra, ela organiza sua própria vida. Ad extra, tece relações com o mundo político-econômico, cultural e

religioso circundante. Em cada cenário, essas relações, quer internas quer externas, se configuram de modo diferente. A análise procura descrevê-las (Libanio, 1999, p. 13).

Após essas considerações introdutórias, abordamos, em seguida, os ambientes midiáticos produzidos pelos modelos de Igreja que se expressam em imagens nas grades de programação das TVs católicas.

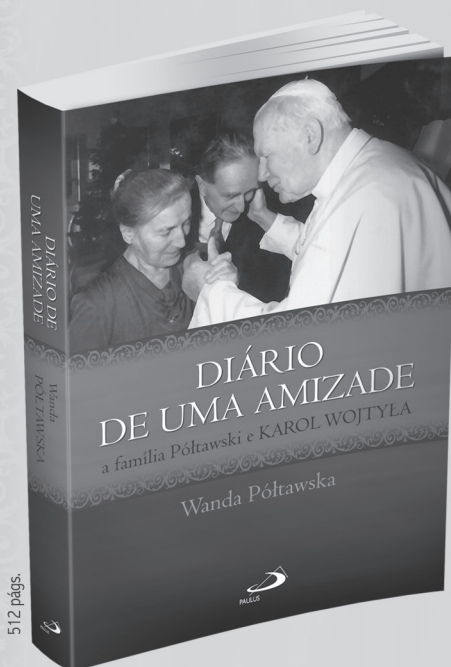
2.1. O ambiente midiático do catolicismo pentecostal na TV

Pelo que vemos nas TVs católicas, verificamos que elas optaram, em sua grande maioria, pelo *catolicismo de cunho pentecostal*. Consta-se isso em suas grades de programação, o que corresponde, por sua vez, às ideias explanadas pelos teóricos da sociedade do espetáculo (Debord, 1997; Bucci e Kehl, 2004; Chauí, 2006), na qual tudo se transforma em mercadoria, em fetiche e em espetáculo, também a religião.

É a configuração semiótica sobretudo da TV Canção Nova e da TV Século 21. A Rede Vida também transita por esse ambiente, preservando na sua grade de programação a presença do ícone do pentecostalismo católico, padre Marcelo Rossi.

As características centrais do ambiente midiático do catolicismo pentecostal com visibilidade nessas TVs:⁴ a Igreja hierárquica e o Espírito Santo (Pentecostes) são os seus marcos principais. Nesse cenário pentecostal, apresenta-se uma explosão de movimentos religiosos, místicos e pentecostais. Também surgem grupos autoritários e fundamentalistas. As questões éticas são tratadas com ênfase numa moral subjetiva, centrada no indivíduo. No campo da exegese, a Bíblia é usada como fetiche e resgata-se o seu caráter iniciático e mistagógico. Na relação com o sistema, prima-se pela fuga e pela despreocupação com os problemas do mundo. Seus líderes simplificam ao máximo a mensagem evangélica, adaptando-a ao ambiente midiático. As liturgias

AMIZADE ORIENTADA PELA FÉ E POR UMA FRATERNA DIREÇÃO ESPIRITUAL.



512 págs.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

Diário de uma amizade **A família Póltawski e Karol Wojtyła** Wanda Póltawska

Depois de ter passado alguns anos em um campo de concentração na antiga Alemanha Oriental, a médica polonesa Wanda Póltawska não conseguia encontrar para si um lugar tranquilo no mundo, onde pudesse aplacar suas angústias. Foi então que Deus colocou em seu caminho o então padre Karol Wojtyła. Desse encontro nasceu uma fraterna amizade.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



são festivas, emocionais, espetacularizadas e realizadas em ambientes amplos. A teologia oficial é voltada para vivências emocionais, milagres, curas, batismo no Espírito Santo.

Dá-se visibilidade à hierarquia com o uso dos *clergymen*. Bispos, padres, seminaristas e religiosos assumem características desses movimentos de espiritualidade forte. A posição diante da pós-modernidade é de fechamento e de crítica voraz. Nas práticas religiosas, a religião emerge como solução de todos os problemas, desde os pessoais até os sociais, com predominância da subjetividade, da emoção, tendo como consequência a sua privatização e a anulação dos ideais comunitários. A experiência forte do Deus vivo é a palavra mágica. A conversão interior é suficiente e a conversão social é ignorada (Libanio, 1999, p. 49-67). Trata-se de ambiente pouco crítico e despolitizado.

O catolicismo pentecostal pode ser classificado como um *catolicismo internalizado*, por proporcionar ao indivíduo “percepção explícita e consciente dos valores religiosos. Pode consequentemente ocorrer coerência racional – em termos de meios e fins – entre esses valores e a conduta do indivíduo” (Camargo, 1973, p. 49). Assim, o católico pentecostal, *internalizado*, adota de modo consciente e deliberado os valores, normas e práticas da sua religião (Camargo, 1973, p. 77), sobretudo em seus aspectos pentecostais. É diferente do *catolicismo tradicional*, pois este não implica uma opção consciente dos fiéis.

2.2. O ambiente midiático do catolicismo tradi-institucional na TV

Na definição desse modelo de catolicismo, *tradi-institucional*, sintetizamos duas palavras: *tradição* e *instituição*. A Igreja Católica levou a sua imagem para a televisão por meio de dois de seus componentes determinantes: a religiosidade popular tradicional e a teologia institucional. É a instituição tutelando o catolicismo popular e tradicional, feito à sua imagem e semelhança na TV.

O marco principal desse ambiente de catolicismo televisual é a Igreja como instituição, a Igreja como sociedade perfeita, que busca direcionar o seu rebanho, também as práticas de piedade popular. Ao mesmo tempo em que resgata esse catolicismo popular, a instituição dita o formato em que ele é aceito e deve ser ritualizado à luz da tradição católica. Como exemplos do catolicismo popular ou *catolicismo tradicional*, vemos em suas TVs a reza do terço (tradicional e bizantino), a novena do divino Pai eterno, a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, procissões nas festas de padroeiros, nas festas de Nossa Senhora, o culto aos santos (mediante a narração de sua vida e obras) e, em algumas missas televisadas, as intenções pelas almas dos mortos, cujos nomes ficam passando no vídeo, assim como o culto ao Sagrado Coração de Jesus nas primeiras sextas-feiras do mês, entre outros. No *catolicismo tradicional*

o comportamento social e religioso fundamenta-se nos costumes e é legitimado pela tradição; observa-se pouca consciência quanto à natureza específica dos valores religiosos que inspiram normas e papéis sociais. Nota-se, ainda, a ausência de explicação racional, em termos de meios e fins, para a conduta religiosa (Camargo, 1973, p. 49).

Tudo isso conduzido e animado por padres, bispos ou leigos⁵ de catolicismo internalizado. Esse modelo *tradi-institucional* pode também ser classificado numa das funções do catolicismo internalizado, a *função tradicionalista*. Segundo Camargo,⁶ a função tradicionalista objetiva valorizar a religião e a sociedade, só que de forma saudosista, ou seja, a religião e a sociedade do passado, idealizadas como perfeitas. Assim, a função tradicionalista enfatiza o retorno às modalidades tradicionais, “isentas da corrupção do presente” (1973, p. 83).

Nesse modelo *tradi-institucional*, a instituição está no centro por meio do papa, da Cúria romana, das dioceses, dos bispos, dos padres

e das paróquias. A visibilidade da instituição dá-se pela sua presença na mídia. As liturgias ficam circunscritas à instituição e se caracterizam por ser rápidas, ritualizadas e repletas de rubricas. A teologia que fundamenta esse ambiente é a teologia do magistério oficial, buscando a unidade doutrinal e institucional.

A hierarquia é obediente à instituição, pois são bispos e sacerdotes do bastão, do poder sacral, de paramentos prateados e sapatos engraxados. O clero é do altar, dos sacramentos, da organização paroquial, da burocratização; padres e bispos distantes do povo, mais burocratas e gerentes de uma instituição do que pastores e profetas, e as vocações apresentam-se como busca do “*status clerical*”.

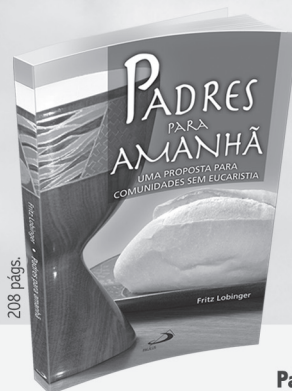
A posição diante da modernidade é contracultural. Nas questões éticas, predominam os ensinamentos da encíclica *Veritatis Splendor*.⁷ A exegese bíblica segue a linha da Tradição e do Magistério. A convivência com o Estado é pacífica, sem críticas proféticas contundentes, e a instituição, na relação com ele, defende os próprios interesses corporativistas. Também nesse modelo de catolicismo, mais uma vez a religião é relegada à esfera privada e a reação é o êxodo de seus membros mais críticos e de mentalidade pós-moderna (Libanio, 1999, p. 14-47).

Identificamos com esse modelo de catolicismo *tradi-institucional* a Rede Vida, a TV Aparecida e a TV Nazaré, embora estas duas últimas entrem também na terceira tipologia, a das TVs marianas, a seguir.

2.3. O ambiente midiático do catolicismo mariano na TV

Todas as emissoras de televisão católicas adotam o culto a Nossa Senhora em suas grades de programação, uma vez que o culto mariano é parte constituinte da identidade católica. Mas duas emissoras de televisão se apresentam estruturadas em torno do culto mariano. É o caso da TV Aparecida, no Vale do Paraíba, que é batizada com o título da

Reflexões sobre a vida do sacerdote e propostas para o amanhã!



Padres para amanhã Uma proposta para comunidades sem Eucaristia

Dom Fritz Lobinger

Quais são os padres de que nossas comunidades precisam? A partir desse questionamento, o leitor encontrará uma proposta sintonizada com a tradição da Igreja, capaz de orientar as comunidades a celebrar em plenitude o mistério da Eucaristia.



Reflexões sobre o sacerdócio Carta a um jovem padre

Francis Card. Arinze

Cada sacerdote acolherá o convite para fazer um sério exame de consciência a respeito das decisões necessárias para se entregar com maior confiança nas mãos de Deus e da Igreja.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, tem como logotipo a própria imagem da Virgem de Aparecida e é a caçula das televisões católicas no Brasil. A outra é a TV Nazaré de Belém do Pará, que, por sua vez, carrega o título de Nossa Senhora de Nazaré, considerada pelos católicos do norte do país como a Rainha da Amazônia. O culto mariano também faz parte do catolicismo tradicional. A novidade é que agora ele está na tela da TV e fortalecido desde o episódio intolerante e fundamentalista do “chute na santa” desferido pelo pastor Sérgio von Helder – na época, integrante da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) de Edir Macedo.⁸

O que caracteriza essas duas emissoras católicas de televisão é o forte culto mariano, em torno do qual são sustentadas suas grades de programação. Elas funcionam como catalisadoras do culto mariano em duas regiões diferentes e extremas do país, o Sudeste e o Norte. Alimentam o culto à virgem Maria e são alimentadas por ele. Aos santuários-basílicas, seja em Aparecida, seja em Belém do Pará – como o *centro do mundo*, conforme Mircea Eliade (1996, p. 35) –, atraem romeiros e peregrinos de todo o país em datas especiais, respectivamente em 12 de outubro e no segundo domingo de outubro.

Tais santuários-basílicas são confiados pelos arcebispos das respectivas arquidioceses, sedes marianas, a sacerdotes de congregações religiosas: na Arquidiocese de Aparecida, aos padres redentoristas da Congregação do Santíssimo Redentor e, em Belém do Pará, aos padres barnabitas.

Num país que caminha cada vez mais para ser um país plural, também no que concerne à expansão de outras religiosidades, é paradoxal que duas TVs católicas assumam identidades marianas. A força delas ainda está no grande contingente católico, que – apesar da sua comprovada diminuição, conforme o censo do IBGE no ano 2000 –⁹ continua sendo significativo e expressivo. A aceitação delas pelo conjunto da

sociedade brasileira dependerá da sua capacidade de dialogar não apenas com seu rebanho católico, mas com a cultura e seus cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Libanio ainda se refere a outros dois modelos, que consideramos também geradores de ambientes culturais, em seus aspectos eclesiais e sociais: o modelo de catolicismo centrado na *Palavra*, que ele denomina de “Igreja da pregação” por girar em torno da palavra de Deus, e o modelo que enfoca a centralidade da *libertação*, chamada pelo teólogo de “Igreja da práxis libertadora”, a Igreja surgida na década de 60, reforçada pelas Conferências de Medellín (1968) e de Puebla (1979). Trata-se da *Igreja dos pobres* ou, como ficou conhecida internacionalmente, do modelo de Igreja dos teólogos da libertação, decididamente ao lado dos oprimidos, auscultando-lhes os anseios de libertação e alimentando-lhes a fé nesse processo (Libanio, 1999, p. 69-131).

Esses dois ambientes do catolicismo, considerados por Libanio mais afinados com a proposta evangélica – e aqui concordamos com ele – não gozam de visibilidade nas grades de programação das televisões católicas. A extraordinária riqueza da caminhada das CEBs, o papel profético das pastorais sociais da CNBB, que tanto contribuíram e contribuem para o processo de redemocratização do país e da construção da justiça social, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, bandeiras da Igreja Católica, endossados pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), o rico conteúdo da doutrina social da Igreja, potencial possível para o diálogo com a sociedade brasileira, terminam esquecidos e desprezados pelas emissoras de televisão católicas, não tendo visibilidade em seus textos culturais televisivos. Na sociedade da visibilidade midiática, o que não é visto é como se não existisse.

Constata-se, nas televisões católicas do Brasil, um catolicismo plural, predominantemente confessional e corporalmente fragmentado

(*tradi-institucional*, pentecostal e mariano), sobre no diálogo com a sociedade e sua cultura, as quais pretendem influenciar e transformar. A construção da cidadania em seus diferentes âmbitos é um ambiente midiático possível de ser abraçado como bandeira pelo catolicismo televisivo no seu diálogo com a sociedade, pois as televisões católicas têm um papel irrenunciável na constituição da cultura contemporânea.

Bibliografia

- ARAÚJO, Marlson Assis de. Comunicação e cultura nas televisões católicas em ambientes midiáticos. Disponível em: <<http://www.muticom.org/internet/19.pdf>>. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; DEFFAVERI, Maiko (Org.). *Mutirão de comunicação: textos acadêmicos*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2010. Disponível em: <www.muticom.org/internet/index.htm>. Acesso em: 13 maio 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de (Org.). *Católicos, protestantes, espíritas*. São Paulo: Vozes, 1973.
- CHAUI, Marilena de Souza. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ESTUDOS AVANÇADOS. *Dossiê Religiões no Brasil*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 1, n. 1, 1987.
- LIBANIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1999.
- PROSS, Harry. *La violencia de los símbolos sociales*. Barcelona: Anthropos, 1989.
- REDE VIDA. Disponível em: <www.redevida.com.br>. Acesso em: 5 fev. 2008.
- TAVOLARO, Douglas. *O bispo: a história revelada de Edir Macedo*. Com reportagem de Cristina Lemos. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.
- TV APARECIDA. Disponível em: <www.tvaparecida.com.br/index_org.php>. Acesso em: 11 fev. 2008.
- TV CANÇÃO NOVA. Disponível em: <<http://tv.cancaonova.com>>. Acesso em: 7 fev. 2008.

TV SÉCULO 21. Disponível em: <www.tvseculo21.org.br>. Acesso em: 11 fev. 2008.

TV NAZARÉ. Disponível em: <www.fundacaonazare.com.br/modelo1_2006/Tv/index.php>. Acesso em: 12 fev. 2008.

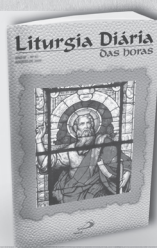
Notas:

1. Este artigo foi publicado originalmente como capítulo 19 do Livro Eletrônico do Mutirão de Comunicação da América Latina e do Caribe, realizado de 3 a 7/2/2010 em Porto Alegre-RS. O texto aqui publicado corresponde à primeira parte do artigo, reelaborado pelo autor e com algumas modificações para publicação nesta revista.
2. *Qualidade* aqui entendida como *investimento em tecnologias atuais e profissionalismo do seu pessoal*. As TVs católicas têm uma contribuição potencial a dar em termos de qualidade nos conteúdos com a *questão da ética*.
3. *Eclesiologia* é a parte da teologia sistemática que estuda as configurações eclesiais – ou seja, os modos de a Igreja estruturar-se e organizar-se – e a compreensão que esta tem da sua própria missão.
4. Utilizamos nesta abordagem semiótica das televisões católicas os instrumentais analíticos desenvolvidos pelo importante teólogo jesuíta João Batista Libanio no seu livro *Cenários da Igreja* (1999).
5. Constatase a fraca participação dos leigos de modo geral, com exceção das televisões carismáticas (TV Canção Nova e TV Século 21). Na Rede Vida e na TV Aparecida há uma inflação de padres e bispos em suas grades de programação, deixando explícita a força da instituição. Até usaríamos chamar a Rede Vida de “a TV dos bispos”, sobretudo porque, na realidade, é ela quem melhor representa a presença institucional católica no ambiente midiático televisivo da sociedade brasileira.
6. Camargo apresenta também duas outras funções do catolicismo internalizado. A *função modernizadora*, que busca um reavivamento católico, propondo novos padrões de comportamento e dando ênfase a uma vida moderna, e a *função contestatária*, quando o catolicismo exerce influência nas transformações sociais na perspectiva da sua ética cristã. As comunidades eclesiais de base (CEBs), o Movimento de Educação de Base (MEB) e, na atualidade, as pastorais sociais da CNBB são, entre outros, exemplos da função contestatária do catolicismo.
7. “*O esplendor da verdade*”, encíclica do papa João Paulo II, de 6 de agosto de 1993, sobre questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja.
8. O “chute na santa” aconteceu no dia 12/10/1995. “O maior erro da lurd, um erro grave”, segundo Edir Macedo, chefe da Igreja, em declaração inédita 12 anos após o episódio. Erro que atrapalhou os planos de Macedo e de sua Igreja no Brasil e no exterior. Em 2006, Helder foi punido por maltratar pastores em Nova York, EUA, e desligou-se da lurd (cf. TAVOLARO, 2007, p. 195-197).
9. Para análises profundas sobre o Censo de 2000, remetemos os interessados aos artigos “A diversificação religiosa”, de César Romero Jacob, e “Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000”, de Antônio Flávio Pierucci, na *Revista de Estudos Avançados da USP* (n. 52, Dossiê Religiões no Brasil, p. 9-28).

Liturgia Diária das Horas

A forma de oração cultivada e aprovada pela longa tradição da Igreja em formato que permite mais fácil acesso e manuseio para todo o povo cristão, de maneira a difundir e recuperar essa prática milenar. Os fascículos mensais trazem a oração da manhã (Laudes), da tarde (Vésperas) e, a partir de 2011, incluindo também a oração da noite (Completas).

Assinaturas: (11) 3789-4000 • assinaturas@paulus.com.br



ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: www.paulus.com.br)

Frei Jacir de Freitas Faria, ofm*

14º DOMINGO DO TEMPO COMUM /
S. PEDRO E S. PAULO (3 de julho)

A IMPORTÂNCIA REAL E SIMBÓLICA
DE PEDRO E PAULO

I. INTRODUÇÃO GERAL

Pedro e Paulo, dois grandes personagens e fundamentos do cristianismo da primeira hora, inspiram a nossa reflexão de hoje. Qual o papel deles na formação do cristianismo? Por que se tornaram os protetores de Roma? Por que são considerados colunas da Igreja? Qual a relação de Pedro e Paulo com o martírio? Por que, ao celebrá-los, rezamos pelo papa e pedimos uma contribuição dos cristãos para as obras missionárias da Igreja?

Os nomes Pedro e Paulo já nos revelam algo da missão de cada um deles. Pedro significa *pedra* e *gruta escavada na rocha*. Paulo, por sua vez, significa *de baixa estatura*. Já Saulo, primeiro nome de Paulo, antes de sua conversão, é a forma grecizada de Saul, vindo a significar: *o implorado*. Paulo lutou fervorosamente contra o cristianismo e a favor dele. De perseguidor tornou-se o maior missionário no anúncio de Jesus ressuscitado. “Em vão seria a nossa fé se Cristo não tivesse ressuscitado” (1Cor 15,17), pregava

com ardor, embora não tivesse conhecido Jesus de Nazaré.

Comumente se diz que Pedro pensou a Igreja internamente e Paulo, externamente. Ambos conheceram a morte por meio do martírio, entre os anos 64 e 67 d.C., em Roma. Paulo morreu decapitado, e Pedro, crucificado de cabeça para baixo.

O bispo Dâmaso de Roma, entre 366 e 384, instituiu o culto anual a Pedro e Paulo, que passaram a ser celebrados no dia 29 de junho como padroeiros da capital do império. Com isso, o império, antes perseguidor, passou a tê-los como padroeiros do cristianismo, agora católico – isto é, universal – e romano (Faria, 2010a, p. 136). Assim, o bispo de Roma, o primeiro papa, passou a ser referência para todo o mundo cristão. Por isso, hoje celebramos também o dia do papa.

* Padre franciscano, escritor, mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, especialista em evangelhos apócrifos, professor de Exegese Bíblica no Instituto Santo Tomás de Aquino – Ista, em Belo Horizonte, e em cursos de Teologia para leigos. Autor de uma centena de artigos, autor de oito livros e coautor de outros seis, sendo os últimos: *Infância apócrifa do menino Jesus*. *Histórias de ternura e travessuras*. Petrópolis: Vozes, 2010; *Israel e Palestina em três dimensões – história, cultura e geografia*. *Judaísmo, cristianismo e islamismo*. Belo Horizonte: Província Santa Cruz, 2010. Diretor-geral e pedagógico dos Colégios Santo Antônio e Frei Orlando, ambos em Belo Horizonte. www.bibliaeapocrifos.com.br
E-mail: bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 12,1-11): Pedro, três vezes preso por anunciar o Ressuscitado, é convocado a agir como missionário

Os Atos dos Apóstolos nos dão uma informação que se tornara uma prática comum do império romano em relação aos cristãos: os discípulos são martirizados, mortos pela espada ou encarcerados, o que agradava aos judeus (v. 3). Pedro, preso pela terceira vez por ordem de Herodes Agripa I, esperava o momento de sua morte, possivelmente após a festa da Páscoa. Era noite. Um anjo do Senhor, isto é, Deus mesmo, vem ao seu encontro. Miraculosamente, as correntes se rompem e as portas se abrem. Pedro, iluminado por uma luz, é convocado a pôr-se de pé, vestir-se e calçar as sandálias.

Nesse episódio, destacam-se algumas relações simbólicas. Pedro havia negado Jesus três vezes (Mt 26,69-75) e, outras três, sido interrogado por ele sobre se o amava (Jo 21,14-17); aqui se repete três vezes a informação de sua prisão por anunciar Jesus ressuscitado. O número três nos remete à manifestação de fé judaica do *Shemá Israel* de Dt 6,4-9: “Escuta, ó Israel, amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, teu ser e tuas posses (cf. Faria, 2001, p. 52). A luz é a presença de Deus, outrora manifestada no Sinai. O anjo é também a presença de Deus, que, tendo salvado seu Filho da morte, fez o mesmo com Pedro. O anjo convida Pedro a assumir a postura de missionário: levantar-se, cingir-se e partir. Portas fechadas serão abertas, apesar dos inúmeros guardas presentes. A comunidade, que se mantinha unida na fé, percebe a ação de Deus que caminha com ela. Pedro é exemplo de fé e de esperança para todos.

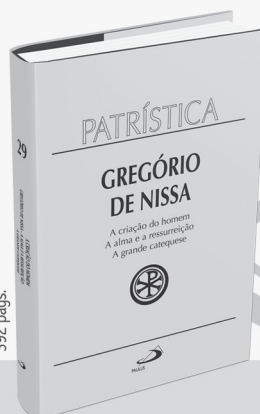
Depois desses eventos, Lucas e a comunidade de Atos silenciam sobre a vida de Pedro. Os capítulos seguintes tratarão de outro grande apóstolo, Paulo. Assim, os

CONHEÇA ALGUMAS NOVIDADES DA COLEÇÃO PATRÍSTICA.



Regra pastoral Gregório Magno

Regra pastoral é uma descrição do dinamismo entre o ser e o agir do pastor, o que faz da obra leitura de grande atualidade e utilidade não só para ministros ordenados, mas para todos os envolvidos em atividades pastorais.



Gregório de Nissa **A criação do homem** **A alma e a ressurreição • A grande catequese**

A biografia de S. Gregório de Nissa, arraigada na vocação de homem da Igreja, de pregador e de místico, aliada à apresentação de suas obras de cunho dogmático e exegético, faz deste livro o mais recente sucesso da coleção Patrística.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Atos dos Apóstolos narram atos de Pedro e Paulo mais que dos apóstolos, como sugere o título do livro. Fato que também comprova a importância colossal dessas duas personagens primeiras do cristianismo.

2. Evangelho (Mt 16,13-19): Pedro, pedra e gruta

O evangelho de hoje se inicia com uma pergunta de Jesus sobre o que o povo pensava sobre ele e termina com Pedro sendo instituído como liderança, referência para a Igreja primeira.

Em Cesareia de Filipe, longe do poder político e econômico, Jesus lança a pergunta: “Quem sou para o povo e para vocês, meus discípulos?” O povo, respondem os discípulos, diz que tu és João Batista, Elias, Jeremias ou um dos profetas. Ao que Pedro, de forma contundente, toma a palavra e lhe diz: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo” (v. 16). Essas opiniões eram importantes para Jesus e para a comunidade de Mateus, que, ao escrever o seu evangelho, via nelas um dos pontos cruciais de sua narrativa: a messianidade de Jesus. Ademais, elas demonstram a relação entre Jesus e a tradição de Israel. A menção ao profeta Elias revela a importância dele para os judeus. Segundo a tradição, ele, após ter ido ao céu em um carro de fogo (2Rs 2,1-18), voltaria. Na celebração do jantar de Páscoa, os judeus reservam-lhe um lugar especial. No final, solenemente, a porta da casa é aberta para receber Elias no convívio familiar. A novidade, no entanto, é a resposta de Pedro. A convivência com o mestre lhe deu a certeza de ser ele o Messias, o Cristo, o ungido, o Filho de Deus vivo (v. 16).

Da resposta de Pedro emergem outras relações simbólicas: ele recebe as chaves do reino; é confirmado como liderança do grupo; é chamado de pedra e gruta, sob e sobre a qual seria edificada a Igreja, a comunidade

que nasceria do seu seguimento. Analisemos este último simbolismo. Jesus lhe diz: “Tu és Kepha (Cefas), e sobre ela edificarei a minha Igreja”. Qual é o significado das palavras de Jesus a Pedro, ao referir-se ao seu nome como pedra, em aramaico *Kepha*? Esse substantivo não teria também outra significação? Vejamos. Naquele tempo, o povo tinha o costume de escavar as rochas para daí tirar pedras para construir casas. Os buracos formados nas rochas recebiam, na língua familiar, o aramaico, o nome de *Kepha*. Daí que *Kepha* pode ser também entendido como *gruta escavada na rocha*. Aos pobres restava o infortúnio de morar nessas cavernas ou grutas. *Kepha* traduz também o substantivo grego *Pétros* (Pedro). Então Pedro não significa pedra? Sim, mas, tomado no sentido anterior, pode significar gruta escavada na rocha. Desse modo, Jesus, então, teria dito a Pedro: “Tu és gruta *escavada na rocha*, e sob essa gruta, onde vivem os pobres, aí edificarei a minha Igreja” (cf. Faria, 2010b, p. 28-31).

Considerando o que foi dito acima, há espaço para duas afirmações hermenêuticas plausíveis: a) Pedro representa a rocha, a pedra da nova comunidade de fé, que sabe quem é Jesus e quer anunciá-lo e vivenciá-lo, tendo Pedro como seu líder; b) Pedro é a Igreja dos pobres que vivem nas grutas de ontem e nas favelas e barracos de hoje, lugar onde a Igreja deveria estar mais presente, mas, infelizmente, do qual está cada vez mais se distanciando. Outras Igrejas proliferam porque não somos capazes de dar respostas aos problemas da pós-modernidade. Não que elas também saibam, mas, pelo menos, estão mais próximas dos empobrecidos, na vivência de seus problemas econômicos e existenciais, mesmo que, muitas vezes, tirando proveito da situação.

Pedro tem as chaves que abrem portas e ligam todos com o Eterno, o divino. Mais

tarde, as comunidades entenderam que a liderança de Pedro foi repassada para aqueles que o sucederam, os quais receberam o nome de bispo. Destaque para o de Roma, que se tornou também papa, chefe da Igreja Católica (universal), apostólica e romana. Nisso tudo, o simbólico se torna real e o real se alimenta do simbólico.

3. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18): o pequeno-grande atleta imortal do Ressuscitado

Essa leitura é uma das páginas de rara beleza literária da Bíblia. Paulo, assim como Pedro, tem consciência de que sua hora está chegando. Sabedor disso, afirma: “Combati o bom combate, terminei a minha corrida, conservei a fé” (v. 7). Paulo sabe que, assim como o mestre, que foi abandonado diante dos tribunais (Mt 26,31), ele deveria perdoar a todos (v. 16). E, além disso, testemunhar o Ressuscitado a todos os povos (v. 17b).

A imagem simbólica de um Paulo esportista é fenomenal. Paulo, “o pequeno”, foi um lutador na fé. Ele caminha para a morte, para o martírio, sabendo que o mesmo Senhor Jesus, que sempre esteve ao seu lado, o salvará e o levará para a glória do seu reino celestial (vv. 17-18). A coroa de sua vitória olímpica é outra, a da justiça e da imortalidade. Paulo tornou-se um atleta imortal do Ressuscitado, jamais esquecido pelos guerreiros cristãos de ontem e de hoje. Um símbolo que permanece vivo no meio de nós.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Demonstrar para a comunidade a importância de Pedro e Paulo como âncoras da nossa fé. Eles representam um misto de fraqueza e de fé, de desespero e confiança nas palavras e na ressurreição de Jesus, mas também de rocha, pedra que sustenta, e de gruta, a comunidade que acolhe os pobres e desvalidos.

2. Levar a comunidade a perceber a importância da união da Igreja universal nas pessoas do papa, padres, leigos e nos ensinamentos que a tradição nos legou. Ressaltar que os erros do clero e de religiosos, quaisquer que sejam eles, são inerentes à condição humana. A Igreja é santa e pecadora. Por outro lado, chamar a atenção para o fato do compromisso moral, político e religioso da Igreja na sociedade.

3. Reforçar a importância real e simbólica de Pedro e Paulo, seja nas festas da religiosidade popular, seja na comunidade e na Igreja universal. Como eles, somos chamados a testemunhar o reino e a continuar a sua construção, lutando por um mundo de paz e de bem “sobre e sob a rocha” da vida moderna.

15º DOMINGO DO TEMPO COMUM (10 de julho)

O SEMEADOR SEMEIA.
A PALAVRA DO CRISTÃO ESPALHA
A BOA-NOVA

I. INTRODUÇÃO GERAL

A palavra de Deus e a semente que o semeador lança se unem na mesma esperança, o bom e profícuo cultivo. Palavra que cai em vários tipos de terra. Terra-comunidade, terra-conflito, terra-coração. Semente-palavra, semente-denúncia, semente-conforto. Palavra de Deus, palavra de fé, palavra de esperança. As leituras de hoje nos colocam no caminho da fé e da esperança, protagonizadas pela semente, pela terra e pelo semeador.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 55,10-11): Fé e esperança na palavra dada por Deus

A primeira leitura de hoje faz parte do segundo livro atribuído ao profeta Isaías (Is

40-55). Situado no final do exílio do povo de Deus na Babilônia (587-539), Is 55,10-11 fecha a sua temática, a da consolação, direcionada a um povo sem esperança. O Segundo Isaías lança uma luz no fim do túnel: a palavra de Javé cumpre sua missão, assim como a chuva e a neve que fecundam a terra, fazendo-a germinar e produzindo sementes para o semeador. A imagem é estu-penda. Imagine o povo sofrendo no exílio e lembrando-se de sua terra em Canaã, onde, de fato, no verão, tudo é árido, mas, no pe-ríodo das chuvas, tudo renasce com vigor. Para eles, terra é sinônimo de vida. Não por menos o ser humano, Adão (*Adam*), é aquele que foi tirado da terra (*Adamáh*). A terra torna-se mãe por causa da água que a engravida (v. 10). A nossa reflexão de hoje tem o seu ponto de partida nessa rica ima-gem da palavra de Deus que germina a terra, a vida dos exilados sem esperança. É como se o profeta estivesse dizendo: Coragem! Tudo está chegando ao fim. A libertação já não tarda mais. Tenham fé na palavra dada por Deus!

2. Evangelho (Mt 13,1-23): Fé nas palavras de esperança, resistência e fé proferidas por Jesus

A palavra de Deus, no evangelho deste domingo, chama-se palavra de Jesus, tam-bém apresentada na imagem da semente e da terra no conhecido ensinamento de Jesus: a parábola do semeador. Quem já não ouviu, na catequese ou nas homilias, a história de um semeador que saiu a se-mear? Sementes caíram em quatro lugares diferentes: à beira do caminho, em solo pedregoso, entre espinhos e, por fim, em terra boa, a qual contrasta com os demais. O recurso literário “3 elementos + 1” é usado na poesia hebraica para ressaltar o último, no caso, a terra boa. O que isso significa?

A comunidade de Mt 13,1-23 usa também os recursos narrativos parábola e alegoria. Parábola, tradução do substantivo hebraico *maxal*, significa provérbio, comparação. O grego traduziu *maxal* por *parabolé*. A pa-rábola tem a força moral de ensinamento. Jesus, ao falar em parábola, insere-se na mais pura tradição judaica. A parábola fala do cotidiano das pessoas, transformando-o e chamando a atenção para uma proble-mática, deixando o ouvinte pensativo. Não por menos, os discípulos questionam Jesus pelo fato de ele falar-lhes em parábolas (v. 10-16).

A alegoria é o fruto da reflexão que a comunidade produz, tendo em vista o obje-tivo de encontrar uma solução para os seus problemas, normalmente apresentados em uma parábola. O sentido original de um texto pode ser transformado totalmente na alegoria, o que não constitui um problema para a comunidade. O evangelho de hoje nos apresenta uma parábola e uma alego-ria. As alegorias foram usadas em grande escala pelas primeiras comunidades e, na sequência, pelos pais e mães da Igreja. Santo Agostinho alegorizou a parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37) na perspectiva da história da Igreja do seguinte modo: homem caído, Adão; Jerusalém, céu; Jericó, terra; samaritano, sacerdotes da Igreja Católica; hotel, Igreja Católica; hospedeiro, papa; duas moedas, sacramentos do batismo e da confirmação. Vejamos, agora, três modos possíveis de compreender a parábola do semeador.

a) *Parábola do semeador e sua explica-ção alegórica segundo o evangelho da co-munidade de Mateus*. Havia certo desânimo entre os cristãos. Se a promessa do reino feita por Jesus era iminente, como explicar os fracassos e conflitos que os assolavam? Era em torno dos anos 70 da Era Comum.

Décadas já haviam passado após a morte de Jesus. Roma havia invadido Jerusalém e destruído o Templo. Os judeus estavam sem referência política e religiosa. A comunidade que escreveu o evangelho de hoje era formada por judeus convertidos à fé cristã. A resposta, atualizada de forma alegórica e posta na boca de Jesus, parece lógica: os cristãos deviam voltar a atenção para o interno da comunidade, para o terreno não da semente, mas de seus corações, e se perguntar sobre o modo como estavam sendo coerentes com a proposta do reino. A parábola ressalta, assim, as dificuldades já previstas por Jesus: superficialidade, simbolizada na semente lançada à beira do caminho; perseguições políticas, representadas na terra pedregosa; deixar-se seduzir pela riqueza e pelas estruturas políticas e econômicas, a semente lançada entre espinhos. Na outra ponta da linha está o exemplo de cristão-terra boa, aquele que compreende a proposta da palavra do reino pregada por Jesus, produz frutos e não desanima nunca.

b) Parábola do semeador, sem a explicação alegórica, da comunidade de Tomé. No evangelho apócrifo de Tomé, dito 9, encontramos a parábola do semeador sem a sua alegoria, como no caso de Mateus e Marcos. Esse fato é importante, pois provavelmente Jesus estaria se colocando como contrário ao império romano. A comunidade de Mateus é que, lembrando as palavras de Jesus, busca um conforto espiritual. A parábola do semeador em Tomé pode ser datada antes dos evangelhos, no ano 50 d.C. Muitos camponeses estavam perdendo suas terras férteis, no norte do país – Galileia –, para os apadrinhados políticos do império romano. A comunidade estava preocupada com a expropriação da terra. Muitos se tornavam sem terra e foram obrigados a

APRENDER COM JESUS É ASSUNTO PARA TODAS AS IDADES!



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

Psicopedagogia catequética Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades (vol. 1 — Criança)

Pe. Eduardo Calandro e Pe. Jordélio Siles Ledo

Psicopedagogia catequética Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades (vol. 2 — Adolescentes e Jovens)

Pe. Eduardo Calandro e Pe. Jordélio Siles Ledo

Psicopedagogia catequética Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades (vol. 3 — Adultos)

Pe. Eduardo Calandro e Pe. Jordélio Siles Ledo

A coleção "Catequese Conforme as Idades" oferece subsídios para os catequistas que desejam alimentar seu espírito de criatividade e conduzir as crianças, os jovens e os adultos rumo à educação da fé.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



sair de suas terras e peregrinar em direção às cidades, mais especificamente a Jerusalém, a capital. A comunidade de Tomé procurou, com a parábola do semeador, recordar as palavras fortes de Jesus contra essa situação social inaceitável. Sem querer alegorizar, mas alegorizando, podemos fazer a interpretação de que, nesse caso, o semeador é o sem-terra à beira do caminho, caminhando em direção a Jerusalém; os passarinhos são os romanos oportunistas que comem sem plantar, isto é, recebem de graça a terra fértil da Galileia; os espinhos simbolizam a luta do camponês para sobreviver; semear é o protesto do camponês por não haver terra disponível para plantar; a terra pedregosa é Jerusalém, cidade onde vivem os opressores; a terra boa é o sinal evidente de que “temos terra para plantar”, mas elas nos foram roubadas. A terra é um dom de Deus e não pode ser tirada do povo eleito. O Jesus histórico de Tomé ensina o camponês a resistir contra os falsos donos da terra e denuncia: “Mesmo que estejamos em tempos difíceis, tem semente que brota e produz cem por um! Resistir deve ser a nossa bandeira de luta” (cf. Faria, 2003, p. 108).

c) *A parábola do semeador na perspectiva judaica do “Shemá” Israel.* Em Dt 6,4-9, encontramos a clássica profissão de fé do povo judeu: “Escuta, ó Israel: o Senhor é nosso Deus, o Senhor é *um*. Portanto, *amarás* o Senhor, teu Deus, com todo o teu *coração*, com toda a tua *alma* e com toda a tua *força*”. Escutar é compreender. Um é o Deus de Israel. Amar é pôr-se no serviço e na missão de santificação, é a tarefa diária de todo judeu. Coração é razão e sentimentos integrados, é o pensar e sentir. Alma é o ser de cada judeu, sua dignidade e a de seu irmão. Força, em hebraico *me’od*, tem a conotação de posses, dinheiro, poder aquisitivo, e não vigor. Vários textos dos

evangelhos releem a ação e a pregação de Jesus à luz do *Shemá* Israel. Observe como o três aparece em vários momentos. Pedro nega Jesus três vezes. Judas Iscariotes aparece três vezes nos evangelhos etc. Na parábola do semeador, o simples fato de enumerar três coisas já nos remete ao *Shemá*. O ouvinte, certamente, terá compreendido que Jesus pedia o cumprimento da Torá expresso pelo *Shemá*. As dimensões do *Shemá* aparecem no texto do seguinte modo: *coração – aqueles que estão à beira do caminho*. Quem é superficial não coloca paixão naquilo que faz. A semente semeada será comida pelos pássaros. Quem está à beira do caminho ouve a Palavra e não a entende, vem o maligno e arrebatou o que foi semeado no seu coração (v. 19). *Alma – aqueles semeiam entre pedregulhos*. O amor à Palavra pode exigir até o martírio. Quem tem medo da perseguição não está preparado. Morrer por causa do Reino é conferir dignidade à Palavra semeada. Quem não tem profundidade no seu modo de ser ouve a Palavra, mas, diante da perseguição, logo sucumbe (v. 21). *Força (posses) – aqueles que semeiam entre espinhos*. Semear entre espinhos significa ter apego aos bens materiais. Quem assim age é sufocado pelo dinheiro. E a Palavra ouvida deixa de dar frutos de vida e esperança. A sedução da riqueza sufoca a Palavra e ela se torna infrutífera (v. 22). Todos ouvem a Palavra, mas nem todos dão fruto em plenitude. Quem produz cem por um ama a Deus de coração, alma e força. Quem produz sessenta por um ama a Deus com o coração e com todas as forças, mas não é capaz de sacrificar a sua alma pelo reino. Quem produz trinta por um ama a Deus somente com o coração. Por outro lado, amar a Deus é amá-lo com minha limitação, naquilo que me é possível. Nisso também está o desafio (cf. Faria, 2001, p. 52-65).

3. II leitura (Rm 8,18-23): Palavra ratificada pelo Espírito

“Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (v. 18). Essas são as palavras iniciais da reflexão paulina que hoje celebramos. Voltando aos temas da perseguição, sofrimento e desânimo de que falam a primeira leitura e o evangelho de hoje, podemos compreender a ressonância dessa palavra na comunidade de fé. Muitos pregadores, de forma equivocada, fizeram uso dessas palavras para justificar moralmente o sofrimento advindo da condição humana e das injustiças sociais, afirmando que no céu tudo será diferente e que devemos suportar o sofrimento com passividade, sem ao menos lutar por um ser humano e mundo novos.

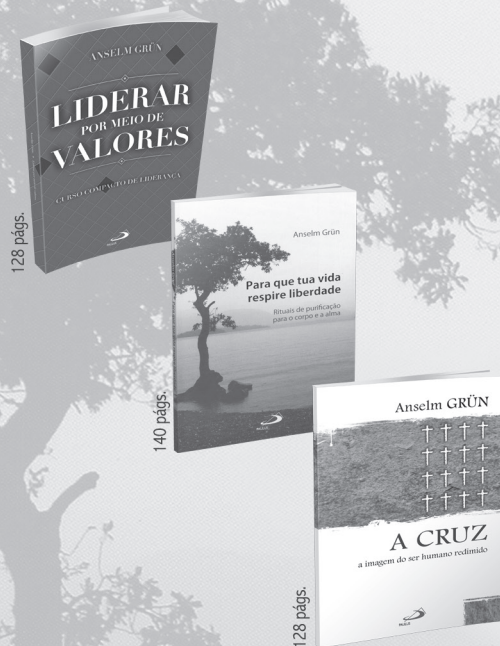
A imagem do sofrimento do parto, associado ao Espírito que intercede por nós, retoma a mesma mensagem de esperança da primeira leitura e do evangelho. A mulher sofre para dar à luz uma nova vida. A mulher é terra, é mãe! A nova comunidade de fé foi gerada pela força da Palavra e será perpetuada pela presença do Espírito. Mas, para que tudo isso aconteça, é preciso que o cristão aja em favor da vida, gerando um novo tempo, sabendo que o tempo futuro, em Deus, será a consequência de sua ação realizada no presente.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Fazer a comunidade perceber que semear a semente em terra boa é ser um cristão em movimento, no caminho certo. É acreditar na palavra transformadora de Deus e de seu Filho, Jesus. Não se deixar seduzir pelas riquezas, tampouco pelo poder. Os impérios e suas forças opressoras continuam vivos no meio de nós.

2. Perguntar pela eficácia da Palavra em nossa vida. Como compreender a revelação

Adquira as obras de um dos principais autores cristãos da atualidade!



Liderar por meio de valores
Curso compacto de liderança
Anselm Grün

Para que tua vida respire liberdade
Rituais de purificação para o corpo e a alma
Anselm Grün

A cruz
A imagem do ser humano redimido
Anselm Grün

Anselm Grün é o autor cristão mais lido em língua alemã e estimado por muitas pessoas como orientador espiritual e pastor de almas. Com três livros publicados pela PAULUS, Grün apresenta suas considerações acerca dos valores e das virtudes fundamentais para uma liderança sadia, esclarece a importância dos rituais de purificação e reflete sobre os significados teológico, psicológico e simbólico da cruz.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



da palavra de Deus em nossos dias? Ele ainda fala? Como? O mundo deixou de ser rural. As imagens das leituras podem nos parecer distantes e incompreensíveis. Talvez tenhamos de criar outras alegorias para atualizar a Palavra.

3. Demonstrar que os frutos da Palavra são a própria palavra de Jesus, a qual ajuda todos a permanecer firmes. Jesus, a palavra viva da comunidade de Mateus, é a força contra o império perseguidor e as ambições do mundo de ontem e de hoje. Coragem e esperança para todos nós. Sejam os eternos semeadores do reino, na escuta de Deus, interpretando seus desígnios (*Shemá*), na intensidade do amar com fé e com um coração que integre razão e sentimento, na doação de nosso ser e com as nossas posses.

16º DOMINGO DO TEMPO COMUM (17 de julho)

O REINO DE DEUS E SUA REALIZAÇÃO

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia da Palavra de hoje tem seu centro no reino de Deus, em sua definição e no modo como ele é realizado no meio de nós. Várias são as possibilidades de interpretação: o reino é semelhante ao trigo, à mostarda e ao fermento ou semelhante ao joio, ao pé de mostarda e à mulher? A pergunta parece ser ousada, mas veremos como os vários modos de interpretação se complementam.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 12,13.16-19): Ser sábio é aprender de Deus: rei, humano e misericordioso

As palavras de sabedoria da primeira leitura de hoje são permeadas de esperança para o povo judeu, que vivia em meio à

cultura e dominação gregas, sobretudo na cidade de Alexandria, onde esse livro foi composto, entre os anos 50 e 60 antes da Era Comum (a.C.). O judaísmo era desafiado pelos valores gregos do ser. Os judeus se perguntavam: como se adaptar à nova realidade sem perder a fé no Deus dos pais e da libertação do Egito? A resposta era simples: testemunhar que o Deus de Israel era diferente. E foi isso que o piedoso judeu e autor do livro da Sabedoria quis mostrar, diferentemente de outros judeus, seus antecessores, que apresentavam Deus forte, violento para com os inimigos. Deus, no livro da Sabedoria, é o cuidador de todos (v. 13), que julga com justiça (v. 13), perdoa e governa com indulgência (v. 18). Por ser assim, Deus não deixa de ser menos poderoso que os deuses dos pagãos. E, mais do que isso, o ser humano é convocado a ser como Deus, misericordioso. Deus é humano no seu proceder. E ao ser humano, aprendendo de Deus, resta também governar e agir com justiça, misericórdia e solidariedade. Eis o nosso grande desafio: aprender da pedagogia de Deus.

2. Evangelho (Mt 13,24-43): A dinâmica do reino

Dando continuidade ao discurso de Jesus em forma de parábolas com a devida explicação alegórica, encontramos diante de três modos de Jesus definir o sentido do reino de Deus, que nos questionam: o reino é semelhante ao trigo ou ao joio? Ao fermento ou à mulher? À semente de mostarda ou ao pé de mostarda? Vejamos uma por uma. Ah! Outro detalhe importante: se a primeira leitura falou do proceder de Deus rei, agora faz sentido falar do reino.

a) O reino é apocalíptico e como o trigo. A comparação parece simples. O trigo é semeado. Vem alguém e semeia o joio. O que fazer? Arrancá-lo para não sufocar o trigo?

Não. Basta esperar o crescimento de ambos até que o tempo da colheita chegue, quando o joio será queimado e o trigo recolhido em celeiros (v. 24-30). Essa é a única parábola explicada de forma apocalíptica por Jesus. Trata-se do fim dos tempos: aqueles que praticam a injustiça serão queimados na fornalha ardente e os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai. A menção de diabo – o inimigo que semeou o joio – e do Filho do homem – aquele que semeia a boa semente no campo (mundo) – evoca a urgência apocalíptica da realização dos ensinamentos de Jesus pela comunidade de Mateus. Somos herdeiros desta que se tornou a tradicional interpretação da parábola: o joio foi identificado como elemento ruim que impede o reino de crescer e por isso, no fim dos tempos, será arrancado e queimado. Em outras palavras: o mal deve crescer junto com o bem, o reino, representado pelo trigo.

b) *O reino de Deus tem a ver com o cultivo.* A comunidade de Mateus releu a parábola no contexto escatológico. E o fez muito bem! No entanto, considerando o contexto agrário e de confronto com o império romano, no qual essa parábola foi criada, podemos definir o reino de Deus de três modos. A erva daninha, chamada de joio, é uma graminha que cresce anualmente e é muito comum nos países do Mediterrâneo oriental. É uma erva venenosa, seus grãos possuem toxina. O gado que a come morre. O joio não cresce em terrenos a mais de 550 metros de altitude. Nos anos chuvosos, ele cresce mais que o trigo. A experiência campesina aprendeu, desde cedo, que colher o joio junto com o trigo é desaconselhável, pois ele contaminará o trigo. Daí o conselho que aparece no final de ambos os textos. Mas, então, como definir de três modos o reino de Deus nessa parábola? Ele pode ser comparado ao

Entenda os vínculos entre sociologia e religião com os livros da PAULUS.



Manual de sociologia da religião

Roberto Cipriani

Este manual oferece uma análise crítica do pensamento clássico e contemporâneo no campo da sociologia da religião e uma apresentação precisa e documentada dos autores mais significativos da área.

Compêndio de sociologia

Philippe Riutort

A obra se endereça tanto para os estudantes que procuram adquirir as bases da disciplina quanto para os que desejam se aprofundar nesse fascinante campo das ciências humanas.

Sociologia da religião e mudança social Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil

Beatriz Muniz de Souza e Luís Mauro Sá Martino (orgs.)

Neste trabalho, nove dos principais especialistas brasileiros em sociologia da religião estudam as complexas relações entre os fenômenos religiosos, modernidade e mudança social.

Falar de Deus e com Deus

Caminhos e descaminhos das religiões hoje

Frei Carlos Josaphat

Como abrir caminhos ao encontro direto e imediato com Deus na contemplação e no compromisso social? Essa é a questão, de maior urgência para a humanidade e para as religiões, abordada neste livro.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



joio, ao fazendeiro próspero ou ao agricultor sem-terra. *O reino é como o joio*, essa erva daninha que cresce em qualquer lugar, sem pedir licença. O reino é assim, chega e se espraia, independentemente da vontade das pessoas, seja ele um rico fazendeiro, seja ele um pobre sem-terra. Ninguém pode impedi-lo. Assim aconteceu, mais tarde, com o império romano: ele teve de aceitar o cristianismo como religião. O reino é como um fazendeiro próspero que possui uma rica plantação de trigo e não pode impedir que cresça o joio (reino de Deus) jogado na sua plantação pelo inimigo. Por fim, *o reino é como o agricultor que não tem terra*, que não pode se livrar do grande fazendeiro que tirou as suas terras. O reino está dentro de cada um de nós. Mesmo sendo arrancado e queimado, ele cresce em outro lugar (cf. Faria, 2003, p. 117-119).

c) *O reino é como a semente de mostarda, uma árvore ou pé de mostarda*. A outra parábola do evangelho de hoje encontra-se também em Mc 4,30-32 e Lc 13,18-19. Vale a pena ler as narrativas, comparando-as para perceber as mudanças recebidas ao longo da transmissão: de terra para campo e horta, de ramo para árvores etc. Considere que a linha histórica é: Tomé (anos 50), Marcos, Mateus e Lucas (entre os anos 60, 70 e 80, respectivamente). Estamos diante de uma parábola que, ao ser transmitida, recebeu algumas modificações. Analisemos essa passagem à luz das seguintes questões: qual seria a intenção de Jesus ao contar essa parábola? Onde está o centro da parábola? Interpretações tradicionais insistem em mostrar o reino como uma semente pequena que cresce e fica grande. Vejamos três modos possíveis de ler a parábola da semente de mostarda com base em seu centro. *Centro da parábola: semente*. Compreendido desse modo, o enfoque desse texto está na passagem do pequeno para o

grande. A pequena semente de mostarda é o novo Israel, isto é, os seguidores de Jesus, que se tornarão “grandes árvores”. Tomé, Marcos e Mateus, com exceção de Lucas, falam de algo menor que se torna grande. Não acreditamos ser essa a melhor interpretação. Não obstante, há que considerar que cada seguidor do reino é chamado a lavrar constantemente o seu interior para deixar a semente do reino crescer e produzir abundantes frutos. O centro da parábola é a *árvore apocalíptica*. Nesse sentido, o pequeno Israel tornar-se-ia uma grande árvore apocalíptica. Textos do Primeiro Testamento falam do cedro do Líbano como árvore apocalíptica (Sl 104,12; Ez 31,3.6; Dn 4,10-12). E é nessa grande árvore que os pássaros fazem os seus ninhos. Acreditamos que, se Jesus, de fato, quisesse referir-se a uma árvore apocalíptica, teria mencionado o cedro e não a mostarda. Não, esse não pode ser o centro da parábola. *Centro da parábola: pé de mostarda*. A mostarda é uma planta medicinal e culinária que chega a medir no máximo 1 metro e meio de altura. Ela se desenvolve melhor ao ser transplantada. Depois de plantada, torna-se uma erva daninha. Temos dois tipos de mostarda, a selvagem e a culinária. Por ser uma planta impura, o código deuteronomico (Dt 22,9) proíbe a sua plantação. O centro da parábola está, portanto, no pé de mostarda, seja ele doméstico ou selvagem. Assim é o reino de Deus, ele chega e se esparrama. Não pode ser controlado, torna-se abundante como a nossa tiririca. Atrai pássaros, inimigos de qualquer agricultor. O reino, depois de semeado, perde o controle, toma conta do terreno todo. Assim como o reino, a mostarda é motivo de escândalo para muitos. O reino é indesejável e violador das regras de santidade. Essas interpretações nos ajudam a compreender o valor do reino (Crossan, 1994, p. 313-318).

d) O reino é semelhante à mulher que usa o fermento. O simples fato de a parábola comparar o reino à mulher que usa o fermento é significativo. A interpretação tradicional dessa passagem considerou o fermento como ponto crucial na sua compreensão. Ousamos perguntar se, de fato, nisso estaria o centro desse texto. Começamos por compreender as simbologias utilizadas. *Mulher*: representa a fertilidade e a impureza religiosa. Suas *regras* deviam ser controladas pelos sacerdotes. Dessa forma, o sagrado estaria também sob controle. Por outro lado, mulher e a Torá (lei, caminho, conduta) eram os bens preciosos dos judeus. Sem elas, a vida não se multiplicaria. *Fermento*: símbolo também da impureza e da corrupção moral. O fermento era feito com base na putrefação da batata, escondida por vários dias em um lugar escuro. O fermento cheirava mal e era detestado por judeus piedosos e escrupulosos. O medo de tocar em coisas impuras e tornar-se uma delas levava os judeus a estabelecer regras de contato com coisas e pessoas impuras. O código da santidade (Lv 17-26) é exemplo claro desse modo de pensar judaico. Sede santos como eu sou santo (Lv 19,2) passou a ser símbolo de pureza moral. *Três medidas*: o fato de o fermento ser colocado em três medidas de farinha pode não significar nada em absoluto, pois uma mulher não necessitaria fazer 40 quilos de pão. Essa quantidade demonstra a abundância do reino e o três relembra o *Shemá Israel* (Escuta, ó Israel), profissão de fé israelita baseada no amor vivido com o coração, o ser e as posses (Dt 6,4-9). Em vários textos bíblicos do Segundo Testamento encontramos alusão ao *Shemá* (Faria, 2001). Considerando a simbologia e as diferenças nos textos, suspeitamos que o centro da parábola de Tomé não está no fermento, mas no processo de sua fabricação. Ele é feito pela mulher, no escuro,

MERGULHE NA RIQUEZA E NOS ENSINAMENTOS TRANSMITIDOS PELOS LIVROS DA COLEÇÃO ADORAÇÃO.



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

Um dia de retiro espiritual (vol. 1) Orientações práticas

Victor Manuel Fernández

Um dia de retiro espiritual (vol. 2) A confiança infinita

Victor Manuel Fernández

Um dia de retiro espiritual (vol. 3) Ser um cântaro de água fresca

Victor Manuel Fernández

Um dia de retiro espiritual (vol. 4) Dois retiros com o apóstolo Paulo

Victor Manuel Fernández

Muitas vezes, a tranquilidade externa não vem acompanhada da verdadeira paz interior. Hoje em dia, silenciar o coração e desacelerar a rotina nem sempre são tarefas simples. Por essa razão, a coleção "Adoração" oferece um conteúdo rico em orientações, práticas e motivações de retiros que acalmam nosso espírito e proporcionam um encontro verdadeiro com Deus.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



é impuro e cheira mal. Assim também era considerada a mulher. Aceitar o reino é ir contra o que está ocorrendo de errado na sociedade, é não aceitar o erro tido como coisa normal. O reino ataca a estrutura má da sociedade. E, por mais insignificante que seja, ele contagia, produz “grandes pães” (cf. Faria, 2003, p. 113-116).

Como vimos acima, a definição do reino é ampla e muito nos tem a ensinar. Todas elas têm o seu mérito.

3. II leitura (Rm 8,26-27): Deus Pai e Deus Espírito estão em nós, na oração pelo Reino.

A reflexão feita por Paulo, nessa carta dirigida aos cristãos de Roma, aponta-nos a oração como caminho de construção do reino de Deus. Se não sabemos rezar, é o próprio Espírito que intercede, que reza por nós. Ele suplica a Deus em favor dos que lutam por justiça e paz, assim como vimos nas parábolas do evangelho de hoje. A oração é fonte de vida para o cristão. Jesus foi um homem de oração. Deus Pai e Deus Espírito se entendem e se encontram em nós, quando rezamos e lutamos na construção do reino de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Diante das várias possibilidades de interpretação das três parábolas do evangelho, esclarecer o valor de uma delas.

2. Fazer a comunidade perceber que a luta pela implantação do reino de Deus exige de cada um de nós um esforço constante. Vivemos em meio ao joio, plantando o trigo; fermentando pão, rodeados de injustiças sociais; sonhando com uma ação apocalíptica de Deus.

3. Levar a comunidade a se perguntar sobre o modo como ela exerce o seu poder na sociedade e na comunidade. Ela exerce a misericórdia? Age com justiça? Enfim, se-

gue a pedagogia divina? A faina do cristão consiste em plantar a semente do reino, ser um incômodo constante diante dos reinos de morte, permanecer na oração, tendo a certeza de que o Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis.

17º DOMINGO DO TEMPO COMUM (24 de julho)

O REINO: TESOURO, PÉROLA E REDE

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras de hoje se entrelaçam na dinâmica da sabedoria divina a ser usufruída com o desejo incansável de um pescador e de alguém que busca pérolas preciosas. O reino pregado por Jesus exige decisão, empenho e discernimento. Caso contrário, cada um deverá pagar pela sua opção, sendo rejeitado ao separar as coisas boas das ruins, assim como o joio e o trigo, sobre os quais refletimos na semana anterior. A primeira leitura e o evangelho, complementados pela segunda leitura, são de grande simplicidade e trazem profunda mensagem de fé e esperança. Vejamos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

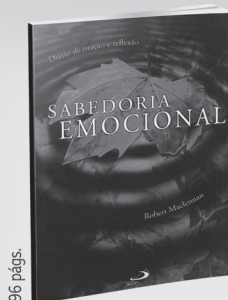
1. I leitura (1Rs 3,5.7-12): A sabedoria que Salomão não soube usar

Salomão ficou famoso por causa de sua sabedoria. É muito conhecido o episódio das duas mulheres prostitutas que brigavam por um mesmo filho (1Rs 3,16-28). Salomão solucionou o caso, mandando partir a criança ao meio e dividi-la entre as duas mulheres. Quando uma das mães reagiu, dizendo que ele poderia dar o filho à outra, e esta prontamente aceitou a proposta do rei, Salomão logo concluiu que a primeira era a verdadeira e ordenou que fosse considerada a mãe legítima. E o rei foi louvado pela sua sabedoria ao julgar.

Na leitura de hoje, Salomão pede a Deus sabedoria para governar, julgar com equidade e bom senso ao discernir. Deus lhe concede além do pedido: um coração sábio e inteligente, como ninguém teve antes dele e ninguém terá depois dele (v. 12). No mundo bíblico, o coração é a sede do pensar e do conhecimento. É isso que Deus esperava de Salomão: sabedoria para governar. O leitor menos avisado logo pensará que Salomão, fazendo uso da sabedoria divina, terá feito um ótimo governo em Israel. Não é bem assim. Salomão explorou o povo com duros trabalhos, tirou o povo da roça e o levou para Jerusalém, de modo que pudesse, por meio de trabalhos pesados, construir um suntuoso templo em Jerusalém. Ademais, impôs-lhe um jugo pesado de impostos (1Rs 5,12-12,11). Quando ele morreu, o país foi dividido em dois reinos, entre o norte e o sul, Israel e Judá, respectivamente. O povo clamou por alívio, mas seu filho e sucessor, Roboão, prometeu governar com dureza ainda maior: “Meu pai vos castigou com açoites, e eu vos açoitarei com escorpiões”, respondeu-lhes. Diante disso, surge a pergunta: por que, então, a nossa primeira leitura de hoje, 1Rs 3,5.7-12, enaltece tanto a Salomão? A resposta é simples: o texto se refere ao início de sua atividade governamental.

Ainda em nossos dias, muitos governos iniciam bem o mandato, mas acabam se corrompendo e explorando o povo. “Nada há de novo debaixo do sol”, já registrou a sabedoria de Eclesiastes 1,9. Salomão não soube usar a sabedoria que Deus lhe deu. A sabedoria de Deus é coisa boa, mas o ser humano, assim como tantos Salomões de hoje, desvia-a para o mal, pois não sabe discernir entre o bem e o mal. Para que isso aconteça, é preciso muita sabedoria. É o que vemos, na sequência, no evangelho de hoje.

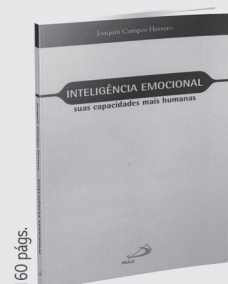
Caminhe com Deus e atinja o crescimento espiritual e emocional.



96 pág.

Sabedoria emocional **Diário de oração e reflexão** *Robert Maclennan*

Neste diário devocional único, Robert Maclennan reflete sobre uma diversidade de emoções humanas e explora como vivê-las em harmonia com o mundo à nossa volta.



160 pág.

Inteligência emocional **Suas capacidades mais humanas** *Joaquín Campos Herrero*

Ciente de que desenvolver a inteligência emocional supõe o autoconhecimento, a aceitação de si mesmo, o amor e a escuta, o autor nos brinda com páginas que estimulam um olhar positivo em relação à vida.



Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

2. Evangelho (Mt 13,44-52): O reino de Deus é como um tesouro, uma pérola e uma rede

A comunidade de Mateus termina o discurso de Jesus em parábolas com três outras comparações: o reino é como o tesouro, a pérola e a rede. Todas elas procuram ligar a sabedoria com a busca incessante do reino de Deus. Destaque, no entanto, para a última, explicada alegoricamente, associando o ato do pescador de separar os peixes com o fim do mundo.

O reino de Deus, na primeira parábola, é comparado ao tesouro encontrado no campo por um trabalhador. Encontrá-lo, assim como uma pérola, leva-o a comprar a terra, onde ele decide esconder o precioso achado. Fato semelhante ocorre em nossos dias: basta encontrar minério ou gás em terras outrora desvalorizadas, como ocorreu recentemente com o norte de Minas Gerais, que as terras se tornam supervalorizadas da noite para o dia. O tesouro encontrado é sinal de vida. A terra também. O sacrifício torna-se justificável na aquisição da terra. Jesus alude à sabedoria de quem busca incansavelmente o reino pregado por ele. Na tradição do Primeiro Testamento, o livro dos Provérbios diz: “Feliz o homem que encontrou a sabedoria..., mais feliz ainda é quem a retém” (Pr 3,13-18). Reter o reino é considerá-lo como uma pérola preciosa que o comerciante sai à procura até encontrar. Não medindo esforços, ele vende tudo para comprá-la. O historiador Flávio Josefo, em *Guerra judaica* VII, 115, informa-nos que os romanos, depois da guerra de 70 que assolou Jerusalém, encontraram enterrados ouro, prata e objetos preciosos que pertenciam aos judeus. Esse fato ocorreu não somente com os romanos, pois era costume entre judeus, ante uma invasão estrangeira, enterrar os bens. O povo simples almejava encontrá-los. Imagine, então, a repercussão da fala parabólica de Jesus? O ensinamento

de Jesus provoca encantamento no povo e desejo de deixar tudo para sair à procura do reino.

Os rabinos contavam uma parábola parecida. Havia um mestre que guardava em seu turbante uma pérola preciosa. Passando em uma ponte, deixou-a cair no rio e um peixe a engoliu. O mestre, então, passou a comprar todos os peixes na feira de sua cidade até encontrar novamente a sua pérola.

A terceira e última comparação com o reino de Deus é a rede que o pescador lança ao mar. Mar e rede se encontram nas mãos de pescadores. O mar é o símbolo do mal. Dele emanava tudo que não prestava. Nele morava o Leviatã, a força do mal opositora de Deus. Para ele se atiraram os porcos da cidade de Gerasa, os quais receberam os demônios que Jesus tinha expulsado (Mt 8,30-32). No episódio dos porcos, trata-se de uma linguagem apocalíptica: os porcos representam a legião romana – o mal que devia voltar de onde veio, o mar. Não por menos, a pesca exige separar o que presta do que não presta. Assim será no fim dos tempos: Deus julgará a todos pelas suas ações más e justas. Quem em vida foi sábio, procurou o reino e sua justiça, será considerado justo e se encontrará com Deus. Para quem não agiu assim restará a fôrnalha ardente e o ranger de dentes.

O evangelho termina citando uma personagem importante na sociedade daquela época, o escriba. A comunidade judaico-cristã de Mateus lhe confere a autoridade de seguidor do reino e de sábio que sabe distinguir entre as coisas da tradição judaica e aquelas que Jesus ensinava. Em outras palavras: o escriba judeu é o novo mestre dos ensinamentos de Jesus à luz da tradição judaica. Como ele, somos chamados a ler e atualizar sempre a palavra de Deus à luz dos acontecimentos do nosso tempo.

3. II leitura (Rm 8,28-30): Ser imagem do Filho e pertencer ao reino de Deus

Complementando o que foi dito nas leituras acima, esse pequeno trecho da carta aos Romanos, ao tratar do ser imagem do Filho, remete-nos a um tema referencial de nossa fé judaico-cristã, nossa criação como imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26). Imagem é ser igual a Deus, e semelhança, um vir a ser. Nessa perspectiva, Paulo afirma que aos que Deus chamou e ama, ele lhes confere o ser imagem do seu Filho e nele recuperar a glória perdida.

Jesus e o reino de Deus das leituras anteriores são, na pregação paulina, a filiação divina do ser humano e a fraternidade universal do mundo com Deus, na justiça.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. A procura pela sabedoria é um constante desafio para cada um de nós. Uma faina diária que exige persistência. Um caminho sempre aberto. Nessa mesma linha de pensamento, não basta aderir ao reino pregado por Jesus. É preciso assumir com responsabilidade a sua causa, o que implica decidir sempre.

2. Procurar demonstrar para a comunidade que ser cristão é ser ético em todas as condições da vida. Muitos se dizem cristãos e compactuam com a injustiça no trabalho, na vida social, na política etc. Humanamente, estamos todos sujeitos ao erro, mas perpetuar-se nele é perder a dinâmica do agricultor que faz de tudo para comprar o campo do tesouro e do comerciante que procura pérolas preciosas.

3. Demonstrar para os fiéis que quem participa da comunidade tem a sua vida mudada para melhor, pois ela, como espaço de construção do reino, é um bem, um tesouro para quem a encontra.

18º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(31 de julho)

O MILAGRE DA PARTILHA DOS BENS
E DO AMOR DE DEUS

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras de hoje testemunham o amor de Deus e a esperança de um mundo novo. O profeta Isaías, de um lado, e Paulo, do outro, são unânimes em testemunhar o amor de Deus. Quem tem fome vai comer sem pagar. Em Cristo Jesus nada nos separará do amor de Deus. Ele, o Filho de Deus, passa pelo mundo curando os abatidos pelo desânimo e pelo sofrimento, ensinando a partilha, a divisão dos bens. Multiplicar cinco pães e dois peixes, mais do que um ato mágico, é sinal evidente de que, onde há partilha, ninguém passa necessidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 55,1-3): Vinde comer sem pagar!

A primeira leitura de hoje faz parte dos capítulos 40 a 55 do livro de Isaías, também chamado de Segundo Isaías, por se tratar de um profeta diferente daquele dos capítulos 1 a 39. Sendo grande teólogo e poeta, o Segundo Isaías atuou, aproximadamente, entre 553 e 539 a.C., época do declínio do império neobabilônico e do surgimento da Pérsia como nova potência (cf. Faria, 2006, p. 68-69). As lideranças do povo de Deus viviam exiladas na Babilônia, atual Iraque. Sabedor das dificuldades, o Segundo Isaías alimentava no povo a esperança de um novo tempo. A sua solução, profetizava, está em Ciro, rei da Pérsia, que seria o instrumento de Deus para libertar o seu povo (45,1-8; 48,12-15) da dominação babilônica. Babilônia cairia (46). Os pagãos iriam se converter ao Senhor (42,1-4.6; 45,1-16.20-25; 49,6; 55,3-5). Jerusalém seria libertada (52,1-12).

Em meio a forte onda de pessimismo, crise de fé e de esperança entre os exilados (40,27; 49,14), o Segundo Isaías torna-se o “cantor do retorno do exílio”, do “novo êxodo”. Ele fundamentou sua esperança no retorno à terra da promessa. O seu projeto era real. Ciro seria a salvação do povo. Sonhar com um “novo tempo” era preciso (55). Essa era a promessa de Deus (43,13; 41,10; 44,6; 48,12). E foi nesse contexto que ele sonhou alto: “Todos que tendes sede, vinde à água. Vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; comprai, sem dinheiro e sem pagar, vinho e leite” (v. 1). Imagine gente faminta, sofrendo de exílio, e alguém gritando essas palavras na rua. Parece irreal, mas foram essas palavras que alimentaram a esperança no povo exilado. Não tardou muito e a libertação chegou. O povo voltou para a sua pátria, Israel, e recomeçou a vida com novos projetos. O sonho alimentou a esperança que os manteve no caminho, na aliança, outrora feita com a casa de Davi.

2. Evangelho (Mt 14,13-21): Comei partilhando o que tendes e encontrareis a felicidade!

O nexos da primeira leitura com o evangelho é evidente. Jesus, tendo sido informado da morte de João Batista, seu primo e precursor, vai rezar num lugar deserto. As multidões o seguem. Movido de compaixão por elas, ele cura os doentes. O povo não quer ir embora. Os discípulos demonstram preocupação com a fome do povo. Jesus ordena dar-lhes de comer. Mas como, se eles tinham somente cinco pães e dois peixes? Jesus, então, fez a multidão se assentar na grama e abençoou os pães e peixes, que se transformaram em tantos outros e alimentaram 5 mil homens, sem contar mulheres e crianças. E ainda sobraram 12 cestos de pedaços.

Como na primeira leitura, o povo está desanimado e sem rumo. Jesus torna-se a luz que aponta o caminho. Como Ciro, da Pérsia, ele não é rei, mas é o salvador dos pobres e famintos.

Caso tomemos as palavras do evangelho e as leiamos de modo simplista, haveremos de entender que se trata de uma multiplicação fabulosa de Jesus. Não é bem assim. O profeta Eliseu também havia feito o mesmo (Rs 4,42-44). A narrativa tem dois sentidos.

a) *Sentido simbólico.* O texto fala de 5 pães, 2 peixes, 12 cestos e 5 mil homens. O número 5 lembra a Torá, os cinco primeiros livros da Bíblia, que devem ser seguidos por todo judeu. Por analogia se fala em 5 mil homens, os reais seguidores da Lei. Mulheres e crianças não eram consideradas. O peixe lembra a presença salvadora de Jesus. Mais tarde, ele tornar-se-ia o símbolo dos cristãos diante da perseguição romana. Por onde passavam, eles desenhavam um peixe, cujo nome em grego, IXTUS, como um acróstico, forma as iniciais de *Iesùs Xristòs Theòu Uiòs Soteèr*, que significa “Jesus Cristo Filho de Deus Salvador”. O número 12 adquiriu destaque entre os judeus em virtude da divisão do ano em 12 meses e simboliza a totalidade ou plenitude, assim como as 12 tribos do povo eleito, Israel-Palestina, e o povo dos cristãos, os 12 apóstolos (cf. Faria, 2010c, p. 56-57). Jesus vai para o deserto, lugar da passagem e da organização do povo que vinha do Egito, depois de mais de 400 anos de opressão. No evangelho, o povo sofrido vem das cidades, lugar da exploração social e dos banquetes dos grandes, como o de Herodes, ocasião em que a cabeça de João Batista foi pedida. O povo senta-se na grama. Sentar na visão bíblica é sinal de soberania e poder. Daí o substantivo cátedra, catedrático e catedral. O pão distribuído recorda o maná que alimentou o povo no deserto e, mais tarde,

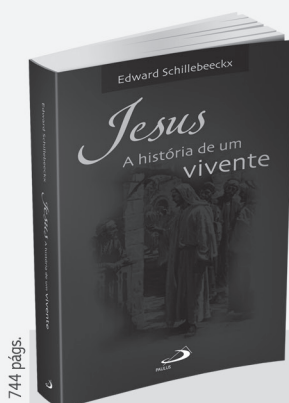
a eucaristia como corpo real de Cristo (Mt 14,19; 26,26; 1Cor 11,23).

b) *Sentido real.* A multiplicação dos pães quer nos ensinar que, se partilharmos, ninguém mais vai ter necessidade. Nisso reside o milagre. A comunidade é chamada a não ficar parada, mas ir além. Deus não quer a pobreza, mas a igualdade social. Um dos grandes males que assolam o ser humano é o desejo incontrollável de ter para guardar e ostentar o poder da posse. A felicidade não está no ter, mas no ser e nas relações. O livro do Eclesiastes nos ensina que felicidade é comer e beber, desfrutando do produto do próprio trabalho (3,13).

3. II leitura (Rm 8,35.37-39): Quem nos separará do amor de Deus

Se nas duas leituras anteriores foram ressaltadas situações de dificuldades enfrentadas por uma comunidade exilada e outra oprimida em sua própria terra pelos romanos, ambas sofrendo de fome e dificuldades econômicas, esta leitura parte de uma experiência pessoal de Paulo, que, após tudo sofrer para testemunhar a sua fé em Jesus ressuscitado, pergunta retoricamente: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (v. 35). E é ele mesmo quem responde: nada. Nem fome, morte, perseguição, espada, principados etc. Nada nos separará do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor (v. 39). A salvação é um dom gratuito de Deus para a humanidade. Ademais, Paulo acrescenta o substantivo espada aos muitos outros fatores elencados por ele em outros escritos (1Ts 3,7; 1Cor 12,7-10; Fl 1,12-14. 19-25; 2,17; Cl 1,24) para demonstrar a adesão a Cristo. A espada romana é a mesma que, mais tarde, lhe decepará a cabeça, fazendo-o mártir em Roma pelo testemunho da fé em Cristo. Por ironia, trata-se de uma carta dirigida aos romanos. Outro detalhe

Os livros da PAULUS complementam e aprimoram seus estudos sobre a vida de Jesus.



744 págs.

Jesus
A história de um vivente
Edward Schillebeeckx

Pautada pelo rigor histórico-crítico, a obra expõe os avanços dos estudos cristológicos ocorridos a partir da Segunda Guerra Mundial e do Concílio Vaticano II.



160 págs.

Jesus e o império
O reino de Deus e a nova desordem mundial
Richard A. Horsley

Segundo Desmond Tutu, Prêmio Nobel e Arcebispo Emérito, este livro é uma “crítica fundamentada e convincente às abordagens predominantes do Jesus histórico que o descrevem como individualista e que ignoram o contexto real em que ele exerceu suas atividades”.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

importante nos fatores elencados por Paulo é a crença de muitos em entidades do além, em poderes que podem influenciar nossa vida. Muitos seguiam esse caminho. Paulo se diz convencido de que nada disso nos pode afastar do amor salvador e misericordioso de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Demonstrar para a comunidade os sentidos simbólico e real da multiplicação dos pães. Não se trata de simples milagre ou mágica realizada por Jesus. E nem mesmo de um milagre mágico religioso que muitas Igrejas saem pregando, iludindo o povo com a multiplicação de seu dinheiro. Não se trata de uma teologia da prosperidade econômica em nome de Deus. Muito pelo contrário, trata-se do milagre da distribuição e da partilha dos bens da criação, redistribuição de renda etc.

2. Chamar a atenção da comunidade para o fato de a eucaristia ser o sinal dessa presença real de partilha do pão e da vida do Ressuscitado, Jesus de Nazaré. No entanto, a comunidade, assim como a multidão do evangelho e o povo do deserto, não pode ficar parada após o comer nem esperar que outros manás caiam do céu. É preciso caminhar sempre.

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM (7 de agosto)

CHAMADOS NO MAR DE INJUSTIÇAS
E CONTRADIÇÕES HUMANAS

I. INTRODUÇÃO GERAL

Estamos iniciando o mês de agosto. A tradição popular o identifica como mês do desgosto, do azar, do cachorro doido, dos ventos etc. Neste mês, a Igreja propõe para as comunidades a reflexão em torno do

tema da vocação; cada domingo é dedicado, respectivamente, a uma delas: sacerdócio, matrimônio, vida religiosa e leiga.

Vocação vem do latim *vocare*, chamar. Muitos, pensando na profissão, dizem não ter vocação para isso ou aquilo. Outros pensam que somente padres e religiosos(as) é que têm vocação. Faremos bem algo quando temos vocação para tal. Muitos até exercem uma profissão sem o devido gosto. Vocação tem muito a ver com a intensidade e paixão no fazer e a consequente felicidade. Quando um teólogo alemão completou bodas de vida sacerdotal, perguntaram-lhe qual o segredo da felicidade, ao que ele respondeu sabiamente: “Se você quer ser feliz por um dia, vá pescar; se quer ser feliz por toda a vida, faça tudo com intensidade a cada minuto de sua vida”.

Neste primeiro domingo de agosto, dediquemo-nos a refletir sobre a vocação sacerdotal. No último dia 4, celebramos o patrono dos padres, são João Maria Vianney, homem dedicado ao sacerdócio que, no seu tempo, soube responder com eficácia ao chamado de Deus. Nas leituras de hoje, veremos que Deus chama o profeta Elias; Jesus convoca Pedro para caminhar sobre as águas do mar; Paulo fala, com tristeza, da não correspondência de seus compatriotas, os israelitas, ao chamado de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

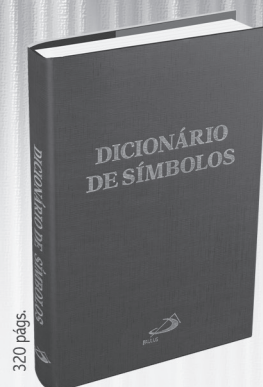
1. I leitura (1Rs 19,9a.11-13a): Deus chama na brisa leve e convoca o profeta para uma missão conflituosa

Elias, o grande profeta do povo judeu, é lembrado anualmente no jantar da ceia pascal. Os judeus deixam à mesa uma cadeira vazia para Elias e o recebem nas casas com uma taça de vinho. O livro de Malaquias atesta a promessa divina da volta de Elias antes do Dia do Senhor, de

modo que ele possa fazer voltar o coração dos pais para os filhos (Ml 3,23-24). Não por menos, muitos cristãos acreditam que Jesus, o Messias, morreu invocando Elias (Mt 27,47.49). A trajetória profética de Elias foi marcada, sobretudo, pela saída do palácio do rei. Com ele, se o rei precisasse ouvir o conselho de um profeta, teria de ir aonde o povo estava, pois ali se encontrava o profeta. Elias multiplicou a farinha e o óleo de uma pobre viúva (1Rs 17,7-16); ressuscitou o filho de outra, em Sarepta (1Rs 17,17-24); provocou seca; fez descer fogo do céu; predisse a chegada da chuva; degolou 450 profetas de Baal, após o sacrifício no monte Carmelo (1Rs 18). Por tudo isso, Elias foi chamado de “homem de Deus” pelas pobres viúvas, mas também de assassino pela rainha de Israel, Jezabel. Elias restaurou, em Israel, a fé em Javé, o Deus libertador.

Tendo realizado todos esses feitos e vendo a perseguição bater à sua porta, Elias teve medo e fugiu para o monte Sinai qual outro Moisés, que – após defender os direitos de seu povo, matando o soldado egípcio assassino do seu irmão de sangue – fugiu da casa do faraó, onde teria sido criado (Ex 2,11-3,22). Chegando ao monte Sinai após 40 dias e 40 noites, fato simbólico que relembra a peregrinação do povo no deserto, Elias entra numa gruta. Deus lhe pede que saia e revela-se para ele em uma brisa suave (v. 12). Neste mesmo lugar, Deus havia se manifestado por meio de trovões, luzes, terremotos. Com Elias é diferente. Deus fala por meio de uma brisa suave. Muitos interpretam esse fato vocacional na vida de Elias como um chamado à serenidade, própria de Deus e do seu escolhido. Mesmo que essa afirmativa seja verdadeira, não é bem assim a missão dada a Elias, a qual os versículos posteriores retratam: Elias teria de descer do monte e

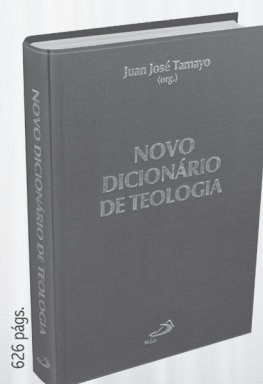
Dicionários PAULUS: Fontes indispensáveis para consulta e aprendizagem!



Dicionário de símbolos

Udo Becker

O presente estudo sobre os símbolos nos ajuda a encontrar meios e caminhos para compreender manifestações visuais e verbais de um mundo tão maravilhosamente variado e multifacetado.



Novo dicionário de teologia

Juan José Tamayo (org.)

Crítico e científico, este dicionário oferece as linhas fundamentais da teologia cristã em perspectiva histórica e facilita o acesso às novas contribuições da reflexão teológica e das disciplinas com ela relacionadas, em diálogo com a filosofia e a ciência.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



retomar o caminho, ungir Hazael como rei de Aram, Jeú rei de Israel e Eliseu profeta em seu lugar. E o que é mais drástico: todos os três deveriam provocar uma matança geral, resguardando 7 mil homens fiéis, que não aderiram a Baal (v. 18).

A vocação de Elias é marcada por: contato próximo de Deus; falar em nome de Deus; medo ao assumir a missão e suas consequências inevitáveis; denunciar as injustiças sociais; defender os pobres; purificar a religião por um Estado que governa em nome de Deus e, se preciso for, matar os opositores de Javé. Aos nossos ouvidos pode soar estranho este último ponto de sua vocação. Não podemos simplesmente, de forma anacrônica, justificar essas suas atitudes em nossos dias. Assim viveu Israel, nos primórdios de sua fé. A vocação sacerdotal, sobre a qual estamos refletindo neste domingo, tem muito de Elias. Deus o chama ao sacerdócio, isto é, ao serviço de ser “ponte” entre o povo de Israel e Deus. Elias tem medo, pois a sua missão não é fácil. O idílico chamado na brisa leve vai muito além. Deus se manifesta de forma inusitada, não nas formas esperadas. A manifestação inusitada de Deus implica enfrentamento dos desafios hodiernos de uma religião comprometida com a justiça social. O sacerdote, se não for, como Elias, um homem de oração e de serviço, não poderá corresponder ao chamado de Deus.

2. Evangelho (Mt 14,22-33): As águas do mar da vida

O evangelho de hoje, dando continuidade ao do domingo anterior, o da multiplicação dos pães, mostra Jesus subindo ao monte para rezar. No fim da tarde, ele volta caminhando sobre o mar. Os discípulos, com medo, pensam se tratar de um fantasma. Jesus se apresenta e os convoca a ter fé. Pedro dialoga com ele e sai caminhando

sobre o mar. Quando duvida, começa a se afogar, mas Jesus o acolhe pela mão. Os discípulos manifestam a fé em Jesus como Filho de Deus. Em que esse evangelho ilumina o tema de nossa reflexão, a vocação sacerdotal? Vejamos. Jesus caminha firme sobre o mar. Ele poderia realizar tal proeza, pois era o Filho de Deus. O mar é o lugar do medo, do não dominado, do mal, do não conhecimento humano, de onde vinha o Leviatã, o demônio. O medo que vem do mar é contrastado, no evangelho, com o medo dos discípulos. Para o mar Jesus havia enviado uma legião de porcos – animais impuros como o mar – possuídos de demônios, assim como a legião de romanos (Mt 8,28-34). Pedro, a pedra, representa aquele que tem pouca fé e vacila no caminho. A mão de Deus, Jesus, o segura nas dificuldades e amaina o vento forte que vem do mar. A barca é o lugar seguro, apesar do mar violento e perigoso. Aqui vale lembrar a música: “Se as águas do mar da vida quiserem te afundar, segura nas mãos de Deus e vai”...

O sacerdote, assim como todo cristão, é chamado a enfrentar as dificuldades do “mar da vida”, a ter fé, apesar do medo. Caminhar sempre, professar a sua fé em Jesus, o Filho de Deus. E, assim como Jesus, buscar força na oração nos “montes” da vida. Para o povo da Bíblia, o monte era o lugar da proximidade com Deus. O padre, fraco na fé como Pedro, humano como outro humano qualquer, celebra *in persona Christi* os sacramentos. Testemunha, no altar e na vida, a paixão, morte e ressurreição de Jesus, o Filho de Deus.

3. II leitura (Rm 9,1-5): Testemunhar a fé em Cristo

Paulo, de perseguidor dos cristãos, por causa da vocação – chamado de Deus que lhe aparece na pessoa do Ressuscitado

–, transformou-se em homem de muita fé, contrariamente a Pedro do evangelho de hoje. A preocupação de Paulo, sobretudo no trecho que hoje ouvimos da carta aos Romanos, reside no fato de os seus parentes na carne, os israelitas, não demonstrarem fé em Cristo, descendente dos patriarcas e Deus bendito pelos séculos. Paulo tem consciência de que Deus escolheu Israel como seu povo e com ele fez uma aliança eterna. O apóstolo tem esperança de que os seus compatriotas iriam compreender o mistério da revelação de Deus em Jesus. Os judeus tinham Paulo como inimigo e traidor deles (At 21,28). Paulo manifesta sua fé na divindade de Jesus. Essa questão percorreria longos séculos de discussão entre os cristãos, até o consenso final, no Concílio de Calcedônia, em 451, em que a Igreja criou o dogma de fé na Trindade. Essa decisão, no entanto, provocou o surgimento de outra religião, o islamismo, que não aceitou a divindade de Jesus (Faria, 2010a, p. 147).

Como Paulo, o sacerdote e os cristãos são chamados a testemunhar a fé em Cristo, Deus bendito pelos séculos.

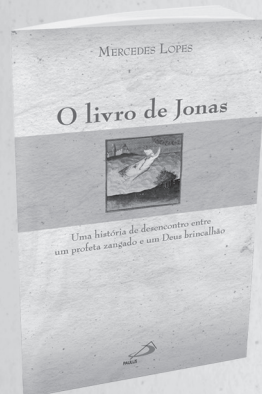
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Refletir com a comunidade sobre o valor do sacerdote, sobre sua dimensão de serviço profético e de animação da fé.

2. Não se esquecer de comentar os vários contratestemunhos de padres. Fazer uma leitura positiva, como momento de graça e de renovação da vocação sacerdotal. Pedir a oração da comunidade para o clero.

3. Perguntar como Deus se nos revela hoje, chamando-nos para uma missão no mundo marcado pelo consumismo e pela alienação. Perguntar sobre a vocação de cada um e o medo que nos impossibilita de realizá-la.

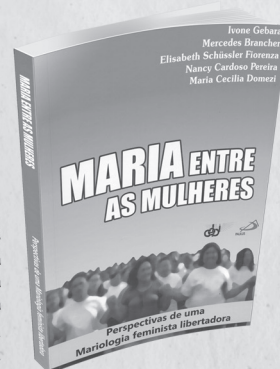
Desvende a importância do profeta Jonas e de Maria com os livros da PAULUS.



O livro de Jonas
Uma história de desencanto entre um profeta zangado e um Deus brincalhão

Mercedes Lopes
72 pág.

A obra apresenta uma estrutura simples da trajetória de Jonas e algumas chaves de leitura, que colaboram na realização dos círculos bíblicos sugeridos pela autora.



Maria entre as mulheres
Perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora

VV.AA.
128 pág.

As mulheres que aqui compartilham seu pensamento e suas propostas mostram que quanto mais próxima das pessoas comuns em seu cotidiano, especialmente das mulheres, mais a figura da Virgem Maria inspira para ultrapassar as barreiras que impedem a dignidade na comunidade humana.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste segundo domingo de agosto, as famílias brasileiras se reúnem para celebrar o dia dos pais. Eis mais uma vocação: ser pai. No Segundo Testamento, Jesus nos ensina a rezar, dirigindo-se a Deus como Pai nosso. Nos evangelhos, sobretudo em João, Jesus se dirige a Deus como Pai. Ele morre invocando Deus, a quem chama: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). Jesus foi inovador e – por que não? – revolucionário ao atribuir essa expressão familiar a Deus. Em hebraico, pai se diz *Abba*. Pai é porto seguro dos filhos. Todos necessitamos da segurança paterna. O pai não exclui o seu filho, mas o acolhe com suas diferenças e o educa para uma missão sublime no mundo. Vejamos como essa questão aparece nas leituras de hoje.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Isaías 56,1.6-7): Israel deve ser luz para as nações e não excluí-las do projeto de salvação

O contexto da primeira leitura é a volta do exílio da Babilônia, onde o povo estivera escravo por volta de 50 anos (587 a.C.-536 a.C.). Vários projetos, vários sonhos foram traçados pelo povo de Deus para reconstruir a sua identidade como povo da aliança, no pós-exílio. Destacamos dois deles: “luz das nações”, encabeçado pelo profeta Isaías; “purificação da raça por meio da Lei”, de Esdras e Neemias, projeto que exigia do povo o abandono e a expulsão das mulheres estrangeiras com as quais os judeus houvessem contraído matrimônio (Esd 9-10; Ne 10,31). O projeto “luz das nações” fazia que

o povo judeu passasse a ver os estrangeiros como irmãos de convivência e membros do povo eleito. Os estrangeiros podiam também ensinar valores culturais ao povo israelita e participar da mesma fé. Vingou o projeto de Esdras e Neemias. Na leitura de hoje, vemos o profeta Isaías denunciando o fato de que o povo, ao rejeitar o estrangeiro, estaria violando a aliança que Deus havia feito com eles – a de agir com justiça e não com a exclusão de outras pessoas – e estaria atando Javé a um único povo, Israel, considerado santo e puro. Outros livros bíblicos da época, como Rute e Cântico dos Cânticos, também se opõem a Esdras e Neemias. Discriminar a mulher ou associar a pureza a ritos e observâncias de leis não garante a salvação.

2. Evangelho (Mt 15,21-28): Uma mulher muda a mentalidade de Jesus

O evangelho de hoje é a continuidade da temática do acolhimento do estrangeiro. A cena é marcada por uma mulher cananeia, de um lado, e por Jesus, do outro. Os discípulos são os figurantes que pedem a expulsão da inoportuna estrangeira. A cena recebe a marca da profissão de fé judaica em Deus que veio salvá-los. Dignas de nota são as três intervenções da mulher, contrastadas com as três respostas de Jesus. Esse pormenor levaria o judeu a pensar no *Shemá Israel*: “Amarás o Senhor teu Deus com as suas posses, coração e ser” (Dt 6,4-9). Não poucas vezes, encontramos essa estrutura de narrativa no Segundo Testamento.

Não seríamos ousados se afirmássemos que a mulher cananeia mudou o modo de pensar de Jesus e de seus discípulos em relação aos estrangeiros, considerados como cães pelos judeus por serem, em sua ótica, impuros e não merecedores do pão reservado aos filhos. Em outras palavras, a comunidade de Mateus quis demonstrar que

a salvação, em Jesus, veio somente para os judeus, de forma exclusivista. A mulher, em Mateus chamada de cananeia, representa os pagãos, aqueles que não têm fé nem aceitam a proposta de Jesus. E o evangelho termina de forma contundente: “Mulher, grande é a tua fé! Seja feito como queres!” (v. 28). Aquela que era considerada pagã torna-se testemunha viva de que Jesus, o filho de Davi, podia agir com misericórdia e curar-lhe a filha, o que de fato ocorreu. A fé da mulher é tamanha, que Jesus não vê outra saída a não ser atender o seu pedido. A sua fé contrasta com a pouca fé dos discípulos de Jesus. A mulher de fé pode. Ela acabou mudando a visão da comunidade sobre a missão fora de Israel. A cananeia ensinou que a misericórdia de Deus está para além das fronteiras.

3. II leitura (Rm 11,13-15.29-32): Deus é misericordioso e salva a todos

Paulo, o grande apóstolo dos gentios, dos não judeus, brinda-nos hoje com bela reflexão. Os judeus, aos quais foi enviado o Messias, Jesus, o rejeitaram. Os pagãos, por sua vez, tornaram-se os escolhidos para o projeto salvífico. Deus não abandonou o seu povo, mas, por meio dos apóstolos, como Paulo, oferece a salvação aos pagãos do império romano. O projeto de Deus é muito maior que o povo judeu. Paulo reflete que a conversão dos pagãos abre caminho de salvação para os judeus. Tremenda ousadia e ironia paulina. Deus é misericordioso e salva a todos. Assim como a mulher mãe do evangelho de hoje, que implora a misericórdia de Jesus para obter a cura de sua filha.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Discriminação de nenhuma espécie é aceita por Deus. Israel foi escolhido como povo eleito, mas não pode se valer dessa

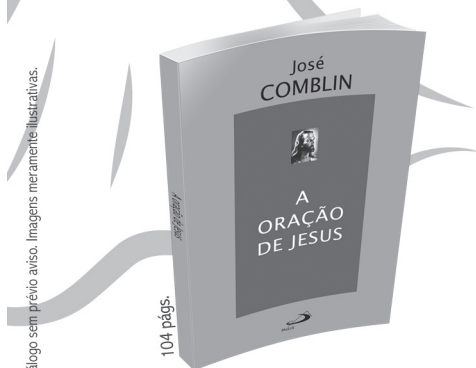
Abra-se à ação transformadora da oração!



Ao sopro do espírito Oração e ação

Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus, ocd.

O livro propõe nos ensinar, a partir da experiência do autor, os caminhos da oração silenciosa, que abre à ação transformadora do Espírito. Uma oportunidade única para o fiel viver plenamente a graça batismal.



A oração de Jesus José Comblin

A obra mostra vários aspectos da oração de Jesus Cristo e ajuda os fiéis a refletirem sobre a oração, que consiste em aceitar, com confiança, algo humanamente incompreensível. É uma entrega ao Pai para que ele realize o seu desígnio.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



prerrogativa para discriminar os estrangeiros. Mostrar à comunidade que nós, os cristãos, podemos incorrer nesse mesmo erro quando nos julgamos os melhores e os únicos que serão salvos.

2. Mostrar que Deus será reconhecido universalmente, como nos propôs a primeira leitura e o evangelho, quando a justiça e a misericórdia imperarem entre todos os povos.

3. No dia dos pais, vale lembrar que agir com a justiça do decálogo é oferecer dignidade de vida aos pais idosos, seja do ponto de vista humano, seja do ponto de vista econômico. Assim como um dia fomos indefesas crianças que poderiam morrer se não fosse o amparo dos pais, agora, na velhice ou na doença, eles merecem a nossa atenção redobrada, como forma de gratidão a eles e a Deus, que nos deu a vida.

21º DOMINGO DO TEMPO COMUM /
ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA
(21 de agosto)

A ASSUNÇÃO DE MARIA E NOSSA
ESPERANÇA NA RESSURREIÇÃO

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste terceiro domingo do mês de agosto, em que celebramos a Assunção de Nossa Senhora ao céu, celebramos também a vocação à vida religiosa. Pessoas chamadas por Deus para formar uma comunidade de fé, seguindo os princípios do evangelho e o carisma de um(a) fundador(a). As leituras de hoje iluminam o papel de Maria na história da salvação e o dogma de fé na assunção de Maria. Qual o significado da assunção para os cristãos católicos? Por que a Igreja transformou em dogma de fé a tradição popular e apócrifa sobre a assunção de Maria?

É nos evangelhos apócrifos que encontramos a tradição sobre a assunção de Maria. Três anos antes de morrer, ela recebeu de Jesus o anúncio de sua morte, no monte das Oliveiras. Em sua casa, em Jerusalém, ela dormiu – daí, a tradição da *Dormição de Maria*. Jesus veio ao seu encontro nesse momento. Ele pede aos apóstolos que preparem o corpo e o levem até um lugar indicado por ele, no vale de Josafá. Quando ali chegam, eles depositam o corpo de Maria e se sentam à porta do sepulcro. Jesus aparece rodeado de anjos, saúda-os com o desejo de paz, reafirma a escolha de Maria para que dela ele pudesse nascer e pede aos anjos que levem a sua alma para o céu. Jesus ressuscita o seu corpo. Quando o corpo chega ao céu, Jesus coloca a alma novamente no corpo glorioso e a coroa como rainha do céu (cf. a tradição apócrifa sobre Maria, agrupada com base em 15 evangelhos apócrifos, em nosso livro *História de Maria, mãe e apóstola de seu Filho, nos evangelhos apócrifos* - 2006b).

A *Dormição* de Maria nasce da fé em que Maria não morreu, mas dormiu. E, por ter sido levada ao céu, assunta, nasceu a terminologia Assunção, usada a partir do século VIII. Essa festa começou a ser celebrada liturgicamente na Igreja do Oriente, no século VI, isto é, entre os anos 600 e 700, propriamente no dia 15 de agosto, a mando do imperador Maurício. A Roma, a festa chegou no século VII.

O dogma da Assunção de Maria, diferentemente da maioria dos dogmas da Igreja Católica, foi proclamado recentemente, em 1950, pelo papa Pio XII, com a bula *Munificentissimus Deus*. O texto diz o seguinte: “*Definimos ser dogma divinamente revelado: que a imaculada mãe de Deus, sempre virgem Maria, cumprindo o curso de sua vida terrena, foi assunta em corpo e alma à glória celestial*”.

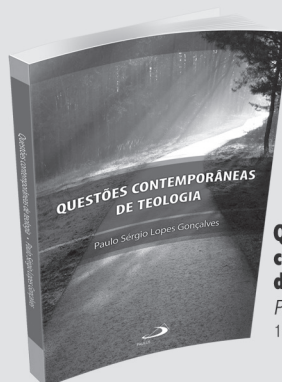
Mesmo que não esteja dito expressamente no dogma, a Assunção de Maria é o mais apócrifo dos dogmas. Para a fé, acreditar que Maria foi assunta ao céu de corpo e alma significa crer, como afirma Afonso Murad, que “Maria não precisou esperar o fim dos tempos para receber um corpo glorificado. Depois de sua vida terrena, ela já está junto de Deus com o corpo transformado, cheio de graça e de luz. Deus antecipou nela o que vai dar a todas as pessoas de bem, no final dos tempos” (cf. citado por Faria, 2006b, p.181).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab):
A mulher vestida com o sol.

Escrito por volta do ano 95 da nossa era, o livro do Apocalipse não tem nada a ver como “fim dos tempos”, visto de modo trágico e terrível, mas, sim, com a “esperança” dita de forma figurada, velada. A perseguição romana era grande. Imagine que à época desse texto, Nero, o imperador romano, mandava queimar cristãos para iluminar as noites romanas. Os cristãos não tinham outro caminho que não fosse dizer e celebrar de forma velada e figurada a esperança que os animava na caminhada. A mulher que aparece vestida com o sol (Deus) representa a nova Eva, a Igreja e também Maria, que deu à luz Jesus, o novo Moisés e libertador do novo povo de cristãos, simbolizado pela coroa de 12 estrelas sobre a sua cabeça. O dragão é a “antiga serpente” que cresceu até tornar-se um imenso dragão, isto é, o império romano que oprimia os seguidores de Jesus. O dragão é também a famosa besta do Apocalipse (Ap 13), cunhada com o número 666, que provém da soma das letras hebraicas de César e Nero, simbolizando, portanto, tais imperadores; a força do mal. O dragão quis devorar o filho da mulher, o que simboliza

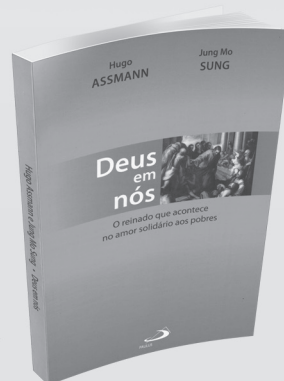
Leituras que apresentam o sentido da teologia na vida e prática humanas.



Questões contemporâneas de teologia

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
136 págs.

Nesta obra, o autor intui que a teologia é a ciência que reflete criticamente a fé em consonância com o caráter contemporâneo da História. Para desenvolver essa intuição, são abordados três temas importantes na história da teologia contemporânea: a hermenêutica, a teologia da libertação e o humanismo.



Deus em nós O reinado que acontece no amor solidário aos pobres

Hugo Assmann e
Jung Mo Sung
200 págs.

Tomando as contradições e complexidades da vida social, os autores propõem como critério de estudo a experiência de “Deus em nós”, o reinado de Deus que acontece no interior da luta e do amor solidário com os pobres e as vítimas de sistemas e relações humanas opressivas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



a opressão vivida pelos cristãos. A mulher foge para o deserto, lugar de refúgio e da presença de Deus. Uma mulher, Maria, na memória e na resistência dos cristãos, é sinal de libertação. O fraco se tornava forte. Era nisso que as comunidades precisavam acreditar. Jesus e Maria estavam presentes na vida deles, encorajando-os a vencer as forças do mal, o dragão.

2. Evangelho (Lc 1,39-56): Maria: símbolo da ação libertadora de Deus

Celebrando, hoje, a Assunção de Maria, nada melhor que recordar o famoso canto do *Magnificat*, atribuído a Maria, e entoado no momento em que ela se encontra com a prima Isabel, nas montanhas de *Ein Karen*, nome que significa “*fonte da vinha*”, e que hoje é um bairro judeu de Jerusalém. Já não existem cristãos nessa região que um dia foi berço do cristianismo. Encravado nas montanhas, esse lugarejo preserva a memória de João Batista, o precursor do Messias. Perto da casa de João Batista, no alto de uma montanha, está a memória do *encontro de Isabel com Maria*, que viera de Nazaré para visitar a prima. Os evangelhos narram que Isabel aclamou Maria como bem-aventurada por ser ela a escolhida para ser a mãe do Messias. Nesse contexto, Maria entoa o *cântico do Magnificat*, obra literária de rara beleza teológica (Faria, 2010c, p. 74-75).

Duas mulheres se encontram. Uma (Isabel) louva a grandeza da outra (Maria) – que se vê pequena diante do grande mistério que toma conta de sua vida. O cântico pode ser dividido em duas partes: a) Maria, que se vê como a serva bem-aventurada; b) dois grupos, os orgulhosos e ricos e os que temem a Deus. Os fatos se desenrolam em duas ações: a) como o povo de Deus, Maria é sua serva; b) Deus, o poderoso, derruba os poderosos e ricos de seus tronos. Maria

torna-se o símbolo da ação libertadora de Deus no Egito. Séculos mais tarde, depois da morte e ressurreição de Jesus, a comunidade reivindicou da Igreja o reconhecimento do papel de Maria como Nossa Senhora e Rainha poderosa. Dessa intuição nasceram literaturas apócrifas, segundo as quais, à sua chegada ao céu, foi coroada rainha por Jesus. A tradição popular perpetuou essa devoção com as celebrações marianas no mês de maio.

3. II leitura (1Cor 15,20-27a): Deus venceu a morte

Paulo, escrevendo aos coríntios, faz uma bela teologia da vitória da vida sobre a morte. Membros da comunidade de Corinto não acreditavam na ressurreição dos mortos (15,12). Ainda hoje muitos se perguntam: como o nosso corpo há de ressuscitar? Isso é possível? Paulo fala de um corpo espiritual, tal como o Cristo ressuscitado.

Mais do que aprofundar, neste momento homilético, o grande significado da ressurreição para o cristão, vale ligar a leitura à festa da assunção de Maria. Como dissemos anteriormente, o grande mérito da tradição popular em relação à Assunção de Maria, transformada em dogma pela Igreja, foi demonstrar pela fé que Maria foi a primeira dos mortais que encontrou a ressurreição do corpo, levado para o céu pelo seu próprio Filho e nosso salvador, Jesus Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Iluminar a vocação à vida religiosa com o exemplo de Maria, a mulher que proclamou a libertação dos oprimidos.

2. Demonstrar à comunidade que Maria – por ter vivido a experiência amorosa de ser a mãe de Jesus, Deus que se fez carne no meio de nós – foi agraciada por Jesus como

a primeira pessoa, depois dele, a receber a glória da ressurreição. Nisso tudo está o amor maternal e filial de Deus Pai e Mãe de todos nós. Em Maria e com Maria, vivemos a esperança de também nós chegarmos lá. Ela foi, mas não partiu, pois continua próxima de nós. Ela é a nossa origem, é nossa mãe na fé, para a qual queremos voltar sempre. Ela é desejo! Ela é mãe! Caminhar com ela, na fé, é acreditar que também seremos assuntos ao céu. Antes, porém, devemos transformar nossa realidade de sofrimento, angústia, dores, exploração social etc. em situações de vida, de glória. A assunção já começa aqui. Maria vive. Ela não morreu.

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM
(28 de agosto)

—+—
O SENTIDO DA CRUZ E DO
SOFRIMENTO

I. INTRODUÇÃO GERAL

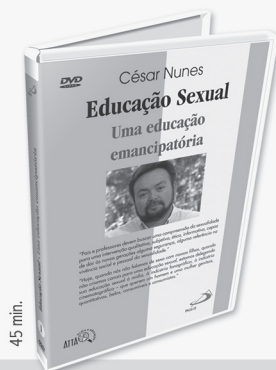
Na modernidade, o discurso do sofrimento não atrai ninguém. Tomar a cruz e seguir Jesus é tornar-se um inconformado com as injustiças sociais. Vejamos como as leituras de hoje, no dia da vocação do leigo, podem nos iluminar em uma nova trajetória de fé.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 20,7-9): O sofrimento advindo da sedução sagrada

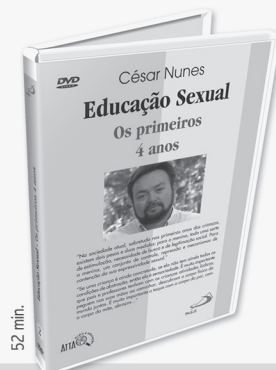
“Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir.” Essas palavras de rara beleza poética fazem parte do colossal testemunho de fé, da confissão do profeta sofredor, Jeremias. Homem de profunda piedade, ele era sensível ao sofrimento e à crise. Optou por não se casar para dedicar-se ao profetismo, entre os anos 626 e 587 a.C. Jeremias

**CONSTRUA UMA
GERAÇÃO DE ADULTOS
CONSCIENTES E
COMPROMETIDOS COM
O RESPEITO E A ÉTICA.**



DVD Educação sexual I **Uma educação emancipatória**

Este material instiga pais e professores a refletir sobre as consequências de se ausentarem do processo de educação sexual de crianças e jovens, convidando-os a uma necessária, preparada e amorosa intervenção.



DVD Educação sexual II **Os primeiros 4 anos**

Este DVD trata dos conceitos presentes na sociedade quanto à definição dos papéis masculino e feminino nos primeiros anos de vida e discorre sobre as fases do desenvolvimento psicossocial das crianças até 4 anos de idade.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



atuou na cidade de Jerusalém. Segundo os apócrifos *Vida dos profetas* 2,1-6, ele era de Anatot e morreu em Táfnis, no Egito (Jr 43,7s), apedrejado por seu povo (cf. Faria, 2006, p. 63). Jeremias passou grande parte de sua ação profética denunciando tribunais injustos, sacerdotes que usam a religião em proveito próprio, escravidão etc. Como diz a leitura de hoje, suas palavras eram somente “violência e opressão” (v. 8). Ele também tinha clareza de que o sofrimento de seus compatriotas no exílio na Babilônia era algo justo. Deus os castigava por causa de seus inúmeros pecados. Imagine quanta incompreensão vivera Jeremias. A leitura de hoje nos mostra a sua grande decepção. Ele acusa Deus de seduzi-lo no serviço profético. E diz com todas as letras: “estou cansado de suportar, não posso mais” (v. 9). Jeremias sabe que Deus mudara a sua vida. Quis casar e não o fez por causa da missão. Ele reclama e protesta contra Deus, como se este fosse responsável pela sua desgraça, pois ninguém queria ouvi-lo e até zombavam dele. No mais profundo sofrimento, Jeremias diz: “Maldito o dia em que eu nasci” (Jr 20,14); “Ai de mim, de minha mãe, porque tu me geraste” (Jr 15,10). O sofrimento do profeta interioriza as suas relações com Deus, que se torna seu íntimo. A sedução divina tomou conta de Jeremias. O seu sofrimento foi salvador, mesmo que ele o tenha proposto para o seu povo e o vivido na pele. Não que o tenha querido. Ele veio como consequência de sua ação profética.

2. Evangelho (Mt 16,21-27): Tomar a cruz e seguir Jesus

Após Jesus demonstrar aos discípulos que deveria ir a Jerusalém para sofrer, morrer e ressuscitar, Pedro toma a palavra e pede a Deus que não permita que isso aconteça. Ao que Jesus lhe chama de *pedra de tropeço*.

Quem era Pedro para impedir a realização do projeto de Deus? Ele só podia ser um *satanás* na vida de Jesus. A palavra “*satanás*” naquele contexto significava adversário. Pedro é a pedra em que Jesus não queria tropeçar na sua marcha, de bem-aventurado rumo à realização de sua missão até as últimas consequências. Não é que o poeta também tinha razão: “havia uma pedra no meio do caminho”... de modo que Pedro, tendo recebido as chaves do Reino dos Céus, não está isento das fragilidades humanas e das dificuldades de se pôr em sintonia com o projeto de Deus. Deve ter cuidado para manter bem a caminhada para o Reino e não servir de pedra de tropeço.

Em seguida, Jesus convoca seus discípulos a tomar, cada um, a sua cruz, segui-lo, negar a si mesmo e perder a vida por causa dele. Ao longo de séculos, certas interpretações dessa passagem bíblica deram rumo à vida de muitos cristãos. Martírio, sofrimento, flagelação do corpo e tantos outros exemplos, às vezes buscados por vontade própria, poderão ilustrar o corolário de ações de cristãos para encontrar a salvação.

A cruz era um dos instrumentos usados pelos romanos para matar escravos e condenados por rebeldia pelo império, os quais, nus, agonizavam na cruz. Morrer crucificado era o “suplício mais cruel e terrível”, segundo o historiador da Antiguidade Flávio Josefo. E, o que é pior, antes de ser crucificado, o condenado podia ser torturado e até mesmo crucificado de cabeça para baixo ou empalado no poste da cruz, de forma obscena. Os judeus sabiam muito bem o que era a crucifixão, pois muitos deles morreram assim. O judeu seguidor de Jesus, com certeza, foi tomado de espanto com essa proposta de seu mestre: tomar a cruz, de livre e espontânea vontade, e segui-lo, sabendo que iria morrer de forma cruel.

A lembrança desse ensinamento motivou muitos cristãos a aceitar o martírio como caminho de testemunho da ressurreição de Jesus e consequente salvação no reino escatológico. Com o fim do martírio naquele contexto, quando o império romano acabou aderindo ao cristianismo como religião do Estado, viu-se fortalecida a teologia do sofrimento pessoal, que acabou em resignação. Essa visão ainda perdura em nossos dias.

Jesus, ao repassar tal ensinamento, estaria aludindo à consequência lógica da adesão ao reino de justiça que ele pregava. Quem se punha contra o império acabaria na cruz. Não havia outro caminho que não fosse o de perder a própria vida. Ele não propôs sofrimento pelo sofrimento. Isso é masoquismo! Masoquismo e resignação, sofrer calado, não têm espaços no reino.

3. II leitura (Rm 12,1-2): Tomar a cruz é tornar-se presença visível de Jesus e não se conformar com o mundo

Nessa pequena leitura de hoje, Paulo segue o pensamento das leituras anteriores. O cristão é convidado por ele a oferecer o seu corpo como hóstia viva, santa e agradável a Deus, como culto espiritual. Para além dos sacrifícios ritualistas judaicos, a comunidade cristã torna-se uma presença visível de Jesus ressuscitado. Ademais, o cristão não deve se conformar com este mundo, mas transformá-lo. Tomar a cruz e seguir Jesus, como atestou o evangelho de hoje, tem aqui a conotação de não se deixar iludir pelo poder, pela pompa, pelo dinheiro e seus esquemas injustos, mas solidarizar-se com os pobres e lutar contra a exclusão. Nada de sofrimento pelo sofrimento.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Celebrando, neste domingo de agosto, a vocação do leigo, do catequista, na comu-

CONHEÇA A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES COM OS LIVROS DA PAULUS.



192 págs.

Herdeiros de Abraão

O futuro das relações entre muçulmanos, judeus e cristãos

Bradford E. Hinze e Irfan A. Omar (orgs.)

Nomes respeitados do meio teológico mostram que é possível promover a mútua compreensão e valorização das diferentes tradições.



144 págs.

Prelúdio à história das religiões

Momolina Marconi

A publicação propõe ao leitor um caminho de estudos que parte do mito e abarca, entre demais temas, o estudo dos deuses, do sacerdócio, do sacrifício, das imagens, das relíquias, da máscara e do gesto.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

nidade, reforçar o papel do leigo no serviço à comunidade de fé mediante seu testemunho na transmissão da fé e na participação na vida da comunidade.

2. Refletir sobre a mentalidade ainda reinante entre os cristãos segundo a qual tomar a cruz e seguir Jesus é sinônimo de sofrimento pelo sofrimento e resignação.

3. Demonstrar que tomar a cruz de Jesus é tornar-se um profeta que não se acomoda diante das injustiças.

LIVROS CITADOS

CROSSAN, John Domini. *O Jesus histórico: vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FARIA, Jacir de Freitas. *Releitura do Shemá nos evangelhos. Ribla*, Petrópolis: Vozes, n. 40, 2001.

_____. *As origens apócrifas do cristianismo: comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Profetas e profetisas na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2006a.

_____. *História de Maria, mãe e apóstola de seu Filho, nos evangelhos Apócrifos*. Petrópolis: Vozes, 2006b.

_____. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos: poder e heresias! Introdução crítica e histórica aos apócrifos do Segundo Testamento*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010a.

_____. *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

_____. *Israel e Palestina em três dimensões*. Belo Horizonte: Província Santa Cruz, 2010c.

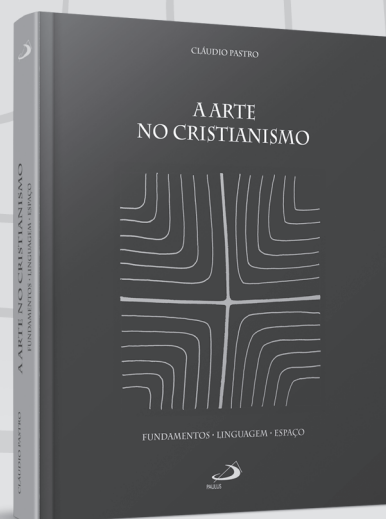
Vida Pastoral

Disponível também na internet em pdf.

paulus.com.br paulinos.org.br



Arte e espiritualidade em um grande uníssono!



A arte no cristianismo Fundamentos, linguagem, espaço

Cláudio Pastro
332 págs.

Nesta obra, do renomado artista plástico brasileiro Cláudio Pastro, estão os mais belos trabalhos de arte sacra realizados ao longo da história da humanidade e compilados com cuidado pelo autor.

Os 16 capítulos e as cerca de 600 imagens coloridas trazem reflexões sobre o espaço sagrado, a iconografia cristã e uma série de outros temas ligados ao cristianismo e à arte.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.